



ESCOLA NAVAL

talant de bi-faire



Diogo Manuel Zegre Parreira

Manoel do Espírito Santo Limpo: uma biografia

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares
Navais, na especialidade de Marinha



Alfeite

2019



ESCOLA NAVAL

talant de bi-faire



Diogo Manoel Zegre Parreira

Manoel do Espírito Santo Limpo: uma biografia

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares Navais, na especialidade de Marinha

Orientação de: Jorge Semedo Matos

O Aluno Mestrando


ASPOF M Zegre Parreira

O Orientador


CFR FZ RES Semedo Matos

Alfeite
2019

Dedicatória

Gostaria de dedicar a presente dissertação de mestrado, em primeiro lugar, a todas as pessoas que influenciaram de forma positiva a minha formação militar e enquanto pessoa. Gostava também de deixar um agradecimento ao CFR RES FZ Semedo Matos por toda a ajuda e excepcional dedicação, que contribui para que este trabalho fosse possível. Por fim, gostaria de agradecer à minha família por toda a força que me deram em não desistir dos meus objetivos durante os cinco anos do curso e, em especial, na fase final do mesmo, a concretização da dissertação de mestrado.

Agradecimentos

Gostava de começar por agradecer ao meu orientador, Capitão-de-Fragata Semedo Matos, por todo o seu apoio e orientação no desenvolvimento da presente dissertação. Estou certo de que, sem os conselhos e dicas do mesmo, a realização do trabalho seria muito mais difícil.

Quero também agradecer a todos os funcionários da Biblioteca Central de Marinha e do Arquivo Histórico, aos funcionários da Biblioteca Nacional de Portugal, aos funcionários do Arquivo Histórico da Universidade Militar e por fim a todos os funcionários do Arquivo Histórico Militar.

Gostaria também de deixar o meu agradecimento à guarnição do NRP António Enes, em especial ao senhor imediato, 1º Tenente Figueira Saial, por toda a compreensão e flexibilidade para que mesmo durante o estágio pudéssemos conciliar esse tempo com a realização da dissertação de mestrado.

Por fim, gostaria de agradecer a todos os meus camaradas de curso, Jorge Álvares, e militares e civis que participaram na minha formação, por me terem moldado enquanto pessoa e futuro oficial da Armada, à minha família e amigos.

Resumo

Manoel do Espírito Santo Limpo (1755-1809) foi um importante escritor e lente¹ português do século XVIII e início do século XIX. Este conciliava ambas as atividades e escrevia para os seus «discípulos», para que com as suas obras estes poupassem tempo a procurar as informações necessárias à sua formação. Enquanto lente, na Academia Real da Marinha e Companhia Real dos Guardas Marinhas, este teve um papel importantíssimo, nomeadamente no que toca à formação dos militares da Marinha de Guerra Portuguesa e da Marinha Mercante, tendo sido ele também o responsável por escrever, em língua portuguesa, os primeiros livros de Manobra de Navio e de Tática Naval.

Para além do exposto anteriormente, foi também por nomeação da rainha D. Maria I, o primeiro diretor do Observatório Real da Marinha, aquando da sua criação em 1802. Aqui foi uma pessoa bastante combativa contra as condições em que este havia sido criado, e que limitavam em grande parte a atividade do observatório. Foi enquanto diretor do Observatório que, o nosso biografado preparou a transferência dos equipamentos do mesmo para o Brasil, como consequência das invasões francesas de 1807, contudo ir-se-á perceber que tal não aconteceu como planeado.

Porém a sua vida foi repleta de contratemplos, que culminaram na sua prisão pelo Santo Ofício em 1778. Nesta dissertação apresentamos, com base numa cópia do documento original *Processo da Inquisição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, disponibilizado pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo, os aspetos que consideramos mais importantes aplicáveis à presente dissertação de mestrado.

Dedicamos um capítulo, o terceiro e último capítulo da presente dissertação, à análise das obras e memórias escritas por Manoel do Espírito Santo Limpo. Essas abrangeram três áreas: Matemática, Navegação e Tática Naval, e acreditamos que estejam relacionadas entre si, tal como escrevemos no capítulo 3.1.

Palavras-Chave: Inquisição; Navegação; Matemática; Tática Naval; Inquisição; Observatório Real da Marinha.

¹ Professor académico ou universitário.

Abstract

This thesis is about Manoel do Espírito Santo Limpo (1755-1809). He was an important Portuguese writer and lecturer from the XVIII century to the beginning of XIX century. He conciliates both activities and also wrote textbooks for his disciples, sintetising the relevant for his courses. As a lecturer, at Academia Real da Marinha and Companhia Real dos Guardas Marinhas, had a major role, concerning the teaching of the war navy students. He was also responsible for writing the first books in Portuguese about ship manoeuvring and naval tactics.

Queen Maria I appointed him the first director of the Observatório Real da Marinha, created in 1802. He opposed the existing registering of the Observatory which in his opinion. As the Observatory director he prepared the transfer of the observatory equipment to Brazil, because of the 1807 French invasion, yet it will see that he did not.

His life was filled with setbacks, which culminate his imprisonment by Santo Ofício in 1778. In this dissertation we will present, based on a copy of the Inquisition process of the Manoel do Espírito Santo Limpo, existing in the Nation Archive of Torre do Tombo, with we consider the most important aspects related to the present research.

The chapter, the third one and also the last of the present dissertation will be on Manoel do Espírito Santo Limpo written memories. There are on three areas: Mathematics, Navigation and Naval tactics and we believe that they are interlinked, as described in 3.1 chapter.

Keywords: Inquisition, Navigation, Mathematics, Naval tactics, Royal Navy Observatory

Índice

Dedicatória.....	III
Agradecimentos	V
Resumo	VII
Abstract.....	VIII
Índice	IX
Índice de figuras	XI
Índice de tabelas	XIII
Introdução.....	1
Capítulo 1 – Numa era de mudança	6
1.1. Tempos de Mudança	6
1.2. Uma novo tribunal: o Santo Ofício	7
1.3. Os tempos menos bons das forças militares portuguesas	7
1.4. A importante reforma militar do século XVIII.....	9
1.5. Ensino científico em Portugal no final do século XVIII	10
1.6. A Corte Portuguesa no Brasil	12
Capítulo 2 – Um homem no seu tempo	16
2.1. O seu envolvimento no séc. XVIII	16
2.2. Do Exército para os cárceres da Inquisição	21
2.3. Nas mãos do Santo Ofício	24
2.4. Um militar interessado pelas Ciências.....	27
2.5. Observatório Real da Marinha	30
Capítulo 3 – A obra de Manoel do Espirito Santo Limpo	42
3.1. Relação entre as suas obras	43
3.2. Navegação.....	45
3.3. Matemática	47
3.4. Tática Naval	48
Conclusão.....	52
FONTES E BIBLIOGRAFIA	56
MANUSCRITAS.....	56
IMPRESSAS	56

BIBLIOGRAFIA.....	57
ANEXOS	63
ANEXO 1 – Inventário dos bens na posse de Manoel do Espirito Santo Limpo	63
ANEXO 2 – As 12 pessoas que testemunharam contra Manoel do Espirito Santo Limpo	65
ANEXO 3 – Acusação de duvidar da existência de Deus	66
ANEXO 4 – Confessa ter aprendido francês no RAP	67
ANEXO 5 – confessa-se descrente na Fé	68
ANEXO 6 – Acusado de proferir discursos proibidos	69
ANEXO 7 – Acusado de duvidar da existência da Religião Católica	69
ANEXO 8 – Acusado de desviar as pessoas da Fé Cristã.....	69
ANEXO 9 – Acusado de proferir citações proibidas, dos livros que lia	70
ANEXO 10 – Carta com a penitência de Manoel do Espirito Santo Limpo.....	71

Índice de figuras

Figura 1 - excerto do mandado de prisão de Manoel do Espirito Santo Limpo.....	22
Figura 2 - Noções de Manobra de Navio	47
Figura 3- Reflexões sobre a aplicação das mathematicas a tactica	48
Figura 4 - Principios de Tactica Naval	50
Figura 5 - Ensaio de Tactica Naval	51
Figura 6 - Penitência concedida pelo Santo Ofício a Manoel do Espirito Santo Limpo.....	71

Índice de tabelas

Tabela 1 - Instrumentos do Observatório Real de Marinha, em 1799 (após efetuada uma vistoria)	34
Tabela 2 - relação de instrumentos que ficaram no Observatório após a sua partida para o Brasil	36
Tabela 3 - Material do Observatório Real da Marinha que partiu para o Brasil.....	39
Tabela 4 - Testemunhas contra Manoel do Espirito Santo Limpo	65

Introdução

Manoel do Espírito Santo Limpo, importante lente da Academia Real de Marinha e Companhia Real de Guardas Marinhas, filho de Francisco do Espírito Santo Limpo e Margarida Eugénia Rosado², nasceu em 1755³, em Olivença, cidade da província de Badajoz, que pertencia à coroa portuguesa à data, mas que, após a assinatura do tratado de Badajoz, a 6 de junho de 1801, passou formalmente a pertencer à coroa espanhola⁴.

Desde cedo se começa a perceber que Espírito Santo Limpo era um adolescente diferente, por diversas razões. Na cidade onde nasceu aprendeu a ler e a escrever⁵, o que acreditamos ser já um sinal de que esta pessoa, criança na altura, estaria uns patamares acima da maioria da população portuguesa, isto porque, como é de conhecimento geral o analfabetismo abundava em Portugal. Nesta mesma cidade aprendeu retórica e matemática⁶, outras duas boas razões para concluirmos que Manoel do Espírito Santo Limpo seria uma criança diferente.

Finda a sua adolescência, estava de saída de Olivença para Coimbra. Decorria o ano de 1773, quando o nosso biografado foi aprovado para ingressar no curso de matemática da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra. Em 1775, tinha Manoel do Espírito Santo Limpo 20 anos de idade, quando interrompeu os seus estudos e se alistou no Regimento de Artilharia do Porto, aquartelado em Valença do Minho⁷, e onde aprendeu a falar a língua francesa⁸. Importa referir que este alistamento foi tido unicamente por vontade do próprio⁹, tal como o nosso biografado afirmou de forma bastante explícita no *Processo da Inquirição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, assunto que iremos abordar com mais detalhe no desenvolvimento da presente dissertação de mestrado. Em Valença do Minho, enquanto prestava serviço foi também nomeado para dar lições de matemática na Escola de Artilharia¹⁰ que existia neste Regimento¹¹.

² *Matriculas 1773-1774*, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

³ *Manoel do Espírito Santo Limpo*, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico cx. 5.

⁴ Ayuntamiento de Olivenza, *Breve historia de Olivenza*, <http://www.ayuntamientodeolivenza.com/olivenza/breve-historia-de-olivenza/>, (consulté le 18 de Junho de 2019).

⁵ Vários, *Processo da Inquirição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, p. 36.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*, p. 23.

⁸ *Ibid.*, p. 36.

⁹ *Ibid.*, p. 23.

¹⁰ Em *infra* na página 29.

¹¹ *Manoel do Espírito Santo Limpo* cx. 5.

Até aqui e, analisando a informação disponível, Manoel do Espírito Santo Limpo tinha realizado um percurso irrepreensível demonstrando haver da parte dos seus superiores um reconhecimento pelas suas qualidades. Não é de todo comum, alguém interromper os seus estudos e sem qualquer diploma, que tenhamos tido conhecimento, e dar ser nomeado para dar lições de matemática a militares que usariam os seus ensinamentos para defender a soberania portuguesa.

Contudo, algo inesperado acontece. Em 1777 Manoel do Espírito Santo Limpo é acusado de heresia¹² e condenado pela Inquisição de Coimbra. Esta acusação resulta de um extenso processo vertido no documento *Processo da Inquisição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, gentilmente cedido pelo Arquivo Nacional da Torre do Tombo e que está melhor explicado nos subcapítulos 2.2. e 2.3.

A prisão e consequente condenação a que me refiro no parágrafo anterior não foram, contudo, impedimento para que Manoel do Espírito Santo Limpo concluísse o seu curso¹³ e «fosse depois convenientemente empregado, e obtivesse honrosas distinções»¹⁴. Como é possível concluir o nosso biografado é uma pessoa bastante inteligente e determinada e acreditamos que não seria este percalço que o iria impedir de alcançar o merecido reconhecimento.

Após conhecida a sua condenação¹⁵, sabe-se que retomou os seus estudos em 1783¹⁶, na Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, onde obteve o tão desejado diploma em 1785¹⁷.

É no final do século XVIII, que se assiste «(...) à mais intensa transformação mentar e social da época moderna. (...)»¹⁸, o Iluminismo. Um dos seus aprendizes e, mais tarde, mestres desta doutrina na Marinha é precisamente Manoel do Espírito Santo Limpo. Este senhor assume assim um papel importante em duas vertentes diferentes: no ensino e na cultura.

Este é integrado na Academia Real de Marinha, em 1787, onde iria substituir, nesse ano, o Dr. Miguel Franzini na cadeira de 2º ano. Contudo aqui se manteve, sendo ele então um dos responsáveis pelo ensino

¹² Vários, *Processo da Inquisição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, p. 7.

¹³ Manoel do Espírito Santo Limpo volta a ingressar na Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra em 1783, concluindo o curso com sucesso em 1785.

¹⁴ Innocência Francisco da Silva, *Dicionário bibliográfico português : estudos de Innocência Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*, V., Biblioteca Central de Marinha.

¹⁵ Em *infra* na página 35

¹⁶ *Matriculas 1783-1784*, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

¹⁷ *Carta de curso de Manoel do Espírito Santo Limpo*, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

¹⁸ Ana Rosa Cloquet da Silva, *Inventando a Nação*, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, s.l., p. 25.

das cadeiras de Matemática e Navegação na Academia Real de Marinha e Companhia Real de Guardas Marinhas.

A sua importância está em boa parte vertida nas obras que este deixou e que nos permitem concluir a importância que Manoel do Espírito Santo Limpo teve para a Marinha, nomeadamente nas academias onde este deu aulas, contribuindo com um leque de obras que abrangiam as seguintes áreas: Matemática, Navegação e Tática Naval. Foi também no final do século XVIII, escolhido para integrar em 1787 a Academia das Ciências de Lisboa, substituindo o falecido João Pedro Ribeiro Lócio, onde se conhece uma obra escrita por si.

À parte da importância que este teve, e que foi exposta no parágrafo em supra, este também teve uma carreira militar invejável. Em 1791, e sem qualquer patente militar, é promovido ao posto de «1º Tenente do Mar»¹⁹, progredindo até ao posto de Capitão de Fragata, na Marinha. Em 1802, é passado para o Real Corpo de Engenheiros, assumindo o posto de Tenente Coronel.

O culminar da sua carreira seria, o cargo de diretor do Observatório Real de Marinha, que como se irá perceber no capítulo 2.5, será mais uma dor de cabeça.

A presente dissertação tem por objetivo a analisar a vida e a obra de Manoel do Espírito Santo Limpo, para esse efeito houve a necessidade de avaliar a melhor forma de abordar este tema. Numa primeira fase tomamos a decisão de compilar num primeiro capítulo os aspetos históricos que considerámos importantes, para que numa segunda fase, em que iremos abordar a vida do nosso biografado, rever o contexto necessário para integrar esse conhecimento. O primeiro capítulo, foi na sua maioria, realizado com recurso ao espólio de livros disponível na Biblioteca Nacional de Portugal.

A elaboração do segundo capítulo, obrigou-nos numa fase inicial a recorrer à Biblioteca Central de Marinha – Arquivo Histórico, onde começámos a recolher informações importantes, nomeadamente referentes à sua estadia em Coimbra, no Regimento de Artilharia do Porto e na Academia Real de Marinha.

Optámos inicialmente por recorrer à Biblioteca Central de Marinha – Arquivo Histórico, por forma a começar a delinear os caminhos a seguir.

Compreendendo as principais questões da vida de Manoel do Espírito Santo Limpo, importava agora aprofundar algumas questões menos claras, como por exemplo, a sua passagem pela Universidade de Coimbra e a preparação do Observatório Real de Marinha para partir para o Brasil. Neste sentido, houve a

¹⁹ *Manoel do Espírito Santo Limpo.*

necessidade de, numa fase mais adiantada da investigação recorrer ao Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra e Arquivo Histórico Militar.

A sua prisão foi outra questão que também foi tratada numa fase mais adiantada da investigação, isto porque, num primeiro momento a questão da sua prisão não seria muito clara o que nos levou a procurar informação, viemos a saber que este processo se encontrava disponível no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, o qual viemos a utilizar na nosso trabalho de investigação.

Para o último capítulo, foi necessário compilar numa primeira fase compilar todas as obras de Manoel do Espírito Santo Limpo, para que depois iniciássemos a sua análise. Assim foi, recorrendo de novo à Biblioteca Nacional de Portugal que, destaco como tendo sido a principal fonte, não só para a realização deste capítulo como de toda a dissertação de mestrado.

Esclarecida a metodologia usada e que estabeleceu, de certo modo a divisão em capítulos da presente dissertação, passarei a apresentar as demais questões que nos levaram a dividi-la da forma apresentada.

O primeiro capítulo é uma tentativa de, resumidamente, fazer uma passagem por alguns acontecimentos importantes do século XVIII e século XIX, coincidentes com a altura em que Manoel do Espírito Santo Limpo viveu, para que nos seja possível entender de que forma é que estes acontecimentos podem ter influenciado os comportamentos de Espírito Santo Limpo e o rumo que a sua vida tomou. De todos os assuntos falados neste capítulo, consideramos importante destacar o Iluminismo pois, na nossa opinião, foi uma das razões para que Manoel do Espírito Santo Limpo fosse uma pessoa tão dedicada às ciências e ao conhecimento, não só cultivando o seu próprio conhecimento, mas também importando-se com o conhecimento dos outros.

O segundo capítulo *A vida de Manoel do Espírito Santo Limpo*, terá como objetivo esclarecer o leitor sobre todas as questões mais ou menos claras acerca da vida do nosso biografado. Aqui iremos abordar as suas descendências e ascendências familiares, a sua carreira profissional, a sua carreira militar e alguns outros acontecimentos que, de algum modo, influenciaram o rumo da sua vida.

No último capítulo vamos, tentativamente, explicar as obras escritas por Manoel do Espírito Santo Limpo e relaciona-las entre si e com a época. Destacaria neste capítulo que o facto do nosso biografado não possuir um elevado número de obras escritas foi uma vantagem e que nos permitiu analisá-las a todas e apresentá-las também no presente trabalho.

Capítulo 1 – Numa era de mudança

1.1. Tempos de Mudança

(...) Milhares de homens parece que nasceram exclusivamente para servirem a um só homem, que se crê um Deus, e se persuade não dever coisa alguma a uns entes que ele supõe de outra esfera inferior à sua. Imagina o monstro que tudo lhe é permitido; que as mais sagradas leis da natureza devem ceder aos seus caprichos; e que só a ele pertence o direito de ofender a todos, sem que o ofendido tenha ao menos o jus de se queixar.(...) ^{20 e 21}

A Europa e, mais concretamente Portugal, viveram duas realidades diferentes entre os séculos XVII e XVIII. Até ao início do século XVIII o reino português era dominado por um regime centrado na imagem de Deus. Este terá surgido em Portugal nos primeiros anos do século XI, como em quase todas as nações medievais²², permanecendo, como já referi, até meados do século XVIII, século de muitas mudanças, como vamos demonstrar nos seguintes subcapítulos.

O século XVIII foi então um virar de página para a Europa, que se confrontou com uma «(...) intensa transformação mental e social (...)»²³. Nesta época surgiram grandes *iluminados* como Descartes, Galileu e Pascal, que através das suas ideias muito próprias, levaram a que muitos dos fundamentos da sociedade em que muitos acreditavam até então, comesse a ser posto em causa²⁴.

Esta nova ideologia denominada de *Iluminismo* acredita-se ter sido aplicada na Europa, pela primeira vez, por Diderot que em 1713 disse: «(...) le gouvernement le plus parfait est celui d'un despote juste et éclairé (...)»²⁵, ou seja, o governo deve o de déspota justo e esclarecido.

²⁰ Inocêncio da Rocha Galvão, *O despotismo considerado nas suas causa e efeitos: discurso oferecido à Nação Portuguesa*, Biblioteca Nacional, 1820, p. 3.

²¹ A partir daqui, inclusive, estas serão as regras de escrita das transcrições:

- Todas as abreviaturas desdobradas para uma melhor compreensão do texto exposto;
- As consoantes mantêm-se desdobradas;
- Normalização de todas as maiúsculas e minúsculas;
- Pontuação introduzida onde for essencial para uma melhor compreensão do texto;
- Atualização das palavras, nomeadamente, os ditongos nasais e sílabas nasaladas, para o acordo ortográfico atual.

²² Eduardo de Oliveira França, *O poder real em Portugal e as origens do absolutismo*, Biblioteca Nacional, 1946, p. 102.

²³ A.R.C. da Silva, *Inventando a Nação*, p. 25.

²⁴ Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal*, VI., s.l., p. 12.

²⁵ *Ibid.*, p. 14.

O *Iluminismo* foi-se espalhando pela Europa através dos «(...) filósofos – principais agentes das Luzes – diluíram as fronteiras do saber – seja através das viagens por diferentes países, seja pelo pertencimento a instituições de carácter “transnacional”, como era o caso da maçonaria (...)»²⁶

1.2. Uma novo tribunal: o Santo Ofício

Só em 1480, foram nomeados os primeiros inquisidores: «(...) os dominicanos Frei Juan de San Martín e Frei Migue de Morriolo, respetivamente Bacharel e mestre em Teologia para perseguir os crimes de heresia nos seus reinos (...)»²⁷

O objetivo da inquisição era claro: «(...) inquirir os desvios da fé católica, das heresias e das demais práticas pagãs (...)»²⁸ Qualquer tipo de denúncia era aceite e alvo de averiguação, e os inquisidores tinham a trabalhar para si indivíduos anónimos que recebiam recompensas por denunciarem todos os casos que fossem do seu conhecimento. Os «criminosos» eram, posteriormente, punidos «(...) em sessões públicas (...)»²⁹, chamadas de autos de fé.

A este tribunal cabia-lhe um conjunto alargado de penitências, tais como, «(...) açoites, prisão temporária ou perpétua, condenação às galés, desterro, confisco de e execução pelo fogo (...)»³⁰.

A inquisição chegou a Portugal anos mais tarde, em 1536, a pedido do rei D. João III, depois de ter sido recusada a D. Manoel, seu antecessor. Este novo tribunal permaneceu em Portugal quase 285 anos³¹, pondo-se fim a um longo período de perseguições contra a heresia e apostasia no reino de Portugal.

1.3. Os tempos menos bons das forças militares portuguesas

Parece que este monarca gozou boa saúde até 1774, isto é, até aos 60 anos. Naquele ano porém, sofreu um forte ataque apoplético. Alguns autores, como Schaefer, dizem mesmo que, naquele ano sofreu vários ataques apopléticos, o que lhe teria causado uma grande melancolia, porque via na sua própria pessoa, a repetição dos ataques que haviam vitimado seu pai (...)»³².

²⁶ A.R.C. da Silva, *Inventando a Nação*, p. 25.

²⁷ Frei Filipe de Santiago Filipe, *Inquisição de Lisboa*, s.l., 1774, p. 17.

²⁸ *Breve história da Inquisição em Portugal*, <http://ensina.rtp.pt/artigo/breve-historia-da-inquisicao-em-portugal/>, (consulté le 19 de Junho de 2019).

²⁹ *Ibid.*

³⁰ *Ibid.*

³¹ *Ibid.*

³² Montalvão Machado, *Causas de morte dos reis portugueses*, Biblioteca Nacional, p. 167.

Segundo escreve Montalvão Machado, é nos fácil entender que o, até então, rei de Portugal D. José I estaria no final de vida. O rei, como consequência dos ataques referidos ficou totalmente imobilizado dos membros o que o obrigou a ficar em “permanência no leito”³³ e, não muito tempo depois, veio-se a confirmar, algo que já era esperado no reino, a morte de D. José I, que viria a suceder-se 3 anos depois, a 24 de fevereiro de 1777³⁴.

Com base, sobretudo, no livro de Caetano Beirão, intitulado *D. Maria I*, conseguimos desde logo tirar uma conclusão clara: D. José ter-se-á desleixado no que toca aos assuntos do reino³⁵. Isto porque, segundo consta, este terá deixado o país numa situação financeira deplorável, dado terem sido encontrados, em sua casa, um conjunto de papéis sem despacho desde 1755. Para se compreender melhor a dimensão dos documentos referidos anteriormente, o número era tão elevado que “foi necessário nomear duas pessoas – o desembargador José Ricalde Pereira de Castro e o conselheiro Gonçalo José da Silveira Preto” só para os separar e examinar, , isto para que fosse possível, seguidamente, dar despacho àqueles que fosse oportuno fazê-lo³⁶.

Este desmazelo teve consequências graves, como seria de esperar: o Estado estava na miséria, os Negócios Públicos completamente desorganizados e por fim, e não menos grave, Marquês de Pombal, também «(...) teria perdido o total interesse pelos assuntos da guerra, o que resulto na queda do Exército (...)»³⁷. Para se compreender melhor o estado e dimensão do problema criado no Exército, importa analisar a seguinte citação de Caetano Beirão:

Logo que Lippe se foi embora, começaram a faltar fardamentos e os recrutas (*Saint-Priest*). É ainda o major Dalrymple quem melhor nos elucida sobre êste particular. À sua entrada, foi logo desagradavelmente impressionado com o aspecto miserável da praça de Valença. E disseram-lhe que o Estado da guarnição de Almeida era ainda pior. Os oficiais estrangeiros eram mal pagos. Pois os nacionais recebiam metade do sôldo daqueles. As promoções faziam-se apenas por favoritismo. Os oficiais, presos por qualquer motivo, jaziam anos e anos sem ser julgados. Muitos regimentos não tinham comando nem se sabia quando

³³ *Ibid.*

³⁴ *Ibid.*, p. 169.

³⁵ Caetano Beirão, *D. Maria I*, Biblioteca Nacional.

³⁶ *Ibid.*, p. 19–20.

³⁷ *Ibid.*, p. 20.

teriam. A disciplina era, portanto, escassa. Os soldados andavam rotos, com as armas enferrujadas, o correame sujo e dilacerado. No Pôrto, as coisas estavam piores ainda.³⁸

Após lermos e analisarmos a citação acima transcrita, chegamos à conclusão de que a situação era tão degradante que até falta de fardamento havia, algo que para um militar é essencial no seu dia a dia. Para além do Exército, a Marinha também sofria do mesmo problema e, nos finais do século XVIII a sua situação também não seria a melhor, dado que, em 1765, esta contava com 18 navios que, segundo foi possível recolher, tinham falta de tripulação. Para piorar a situação, 7 anos depois, ou seja, em 1772, os navios da esquadra haviam sido reduzidos para 12 navios «(...) a apodrecerem no Pôrto de Lisboa (...)»³⁹

Com a morte de D. José subia ao trono a sua sucessora, a rainha D. Maria I, que começava a sua governação com grandes debilidades no reino e com a necessidade de solucionar o problema deixado pela anterior governação: restabelecer a ordem militar. As forças militares encontravam-se bastante fragilizadas, o que somado às notícias que surgiam de França, que faziam prever um grave conflito na Europa, fazia escalar a agitação social no Reino⁴⁰. A grande questão que se coloca é: será que a rainha foi capaz de contrariar a situação criada por tantos anos de desmazelo?

As primeiras medidas tomadas pela rainha visavam, sobretudo, repor a organização militar do país. As medidas tomadas foram as seguintes: o aumento da nomeação de oficiais, o recrutamento de soldados e a remodelação de castelos e fortalezas marítimas⁴¹. Para complementar, foi fixado ainda o serviço militar obrigatório em 10 anos, por decreto de 25 de agosto de 1779.⁴²

1.4. A importante reforma militar do século XVIII

O século XVIII foi um período muito rico no que toca às reformas levadas a cabo pelos sucessivos governos da época. Contudo, o final do século foi, no nosso entender, o período mais importante. Ainda a restabelecer as Forças Militares⁴³, as reformas efetuadas foram uma das provas mais importantes da Rainha, isto porque, para além da herança deixada estas reformas irem preparar o país para tempos difíceis indusindo a possibilidade de uma guerra, tal como noticia a *Gazeta de Lisboa*, a 1 de julho de 1791.

³⁸ *Ibid.*, p. 21.

³⁹ *Ibid.*

⁴⁰ «1 de julho de 1791», *Gazeta de Lisboa*, p. 9.

⁴¹ Horácio Madureira dos Santos, *Catálogo dos decretos do extinto Conselho de Guerra*, IV., Biblioteca Nacional.

⁴² «Decreto de 25 de agosto de 1779», *Legislação Portuguesa*.

⁴³ Marinha e Exército

Demais disso as tropas Prussianas começarão já a aproximar-se dos confins da Russia. Assim he provável que antes d'hum mez saibamos se houve ruptura, e alguns combates já travados entre as duas Potencias: o que será bem capaz de atear hum incendio geral na Europa, que custará muito a apagar⁴⁴.

Houve essencialmente 3 reformas militares e que incidiram sobre o Exército, a Artilharia e a Marinha. Depois de analisadas as reformas em questão, consideramos importante destacar o seguinte:

- a Marinha e o Exército tomaram medidas muito semelhantes, essencialmente, com o objetivo de renovar o seu efetivo e, percebesse o porquê: com as notícias a darem a conta de uma guerra cada vez mais próxima, seria natural que se quisesse fortalecer a defesa do reino. Para cumprir esse objetivo é evidente que é melhor ter um efetivo jovem e bom de saúde do que um efetivo envelhecido e com limitações que comprometessem o cumprimento das suas funções⁴⁵;
- Tendo por esta altura, definidas as medidas necessárias para rejuvenescer o efetivo para a defesa do Reino era agora necessário criar-lhes condições para essa defesa. Neste sentido foi alterada a orgânica dos Regimentos passando estes a ser compostos por 10 companhias, das quais 3 eram graduadas e as restantes de artilheiros. Foi ainda criado um Regimento de Artilharia da Marinha⁴⁶, com o propósito de guarnecer as naus e outras embarcações de guerra⁴⁷, e foi aumentando o programa nacional de construção naval resultando no lançamento de 3 novos navios⁴⁸ ao Tejo no final de 1792⁴⁹.

1.5. Ensino científico em Portugal no final do século XVIII

Para analisar o surgimento, durante o reinado de D. Maria I, de academias militares tão importantes como a Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, a Academia Real de Marinha e a Companhia Real de Guardas Marinhas, importa analisar os seguintes documentos: *lei de 15 de agosto de 1779*; *decreto*

⁴⁴ «1 de julho de 1791».

⁴⁵ H.M. dos Santos, *Catálogo dos decretos do extinto Conselho de Guerra*, p. 541 e ss.e «Alvará de 4 janeiro de 1790», *Legislação Portuguesa*.

⁴⁶ Este regimento era também composto por 10 companhias: 1 de bombeiros, 1 de burlotes e as restantes de artilheiros.

⁴⁷ «Decreto de 13 de dezembro de 1791», *Legislação Portuguesa*.e «Decreto de 12 de dezembro de 1791», *Legislação Portuguesa*.

⁴⁸ A nau *Vasco da Gama*, a fragata *Ulisses* e o brigue *Palhaço*.

⁴⁹ «Decreto de 18 de dezembro de 1792», *Gazeta de Lisboa*.

de 14 de dezembro de 1782; e *Resenha histórica* da Academia Militar, pois estes apresentam aos leitores uma explicação que nos parece clara da criação das instituições anteriormente referidas.

Da análise dos documentos referidos a primeira e talvez das conclusões mais importantes que retiramos é o interesse que o governo de D. Maria I tinha pelo ensino e instrução, nomeadamente de âmbito militar. Vejamos:

(...) E considerando o muito, que convém ao meu Real serviço, que na Marinha haja Officiaes hábeis, e instruídos para me servirem com utilidade naquele exercício (...) ⁵⁰

(...) Faço saber a todos os que esta carta virem, que tendo consideração ao muito, que importa ao meu Real Serviço, e ao bem público dos Meus Reinos, poderem os meus Vassallos aplicar-se ao estudo das Sciencias, que são indispensáveis, não só para se instruírem, mas também na minha Côrte, e Cidade de Lisboa (...) ⁵¹

É notória a importância que então se dava ao ensino e aprendizagem dos seus “vassallos” e que culminou com a criação de duas grandes instituições militares: a Academia Real de Marinha ⁵² e a Companhia Real de Guardas Marinhas ⁵³

Já a Academia Real de Fortificação Artilharia e Desenho ⁵⁴, foi outra das suas grandes obras dessa época já que foi a “primeira escola de ensino superior militar de formação de oficiais do Exército Português” ⁵⁵

Todas as instituições anteriormente referidas tinham algo em comum: em todas elas estavam latentes as ideias de vulgarizar os «(...) estudos de imediata aplicação aos diversos ramos do serviço público (...)» ⁵⁶.

⁵⁰ «Decreto 14 dezembro de 1782», *Legislação Portuguesa*.

⁵¹ «Decreto de 5 de agosto de 1779», *Legislação Portuguesa*.

⁵² Criada por decreto-real de 5 de agosto de 1779.

⁵³ Criada por decreto-real de 14 de dezembro de 1782.

⁵⁴ Criada por decreto real de 2 de janeiro de 1790.

⁵⁵ Academia Militar, *Resenha Histórica*, <https://academiamilitar.pt/sobre-a-am/historia-e-patrimonio.html>.

⁵⁶ Filipe Folque, *Relatório acerca do Observatório Astronómico de Marinha*, Imprensa Nacional, 1866, p. 7.

Por fim, a outra grande obra da rainha seria a criação do Observatório Real da Marinha que, segundo Filipe Folque, deveria ser «(...) levado ao grau de perfeição de que tanto dependia a instrução prática da Marinha Real, e o progresso da Navegação geral do Reino e Colónias (...)»⁵⁷

Depois de tudo o referido neste subcapítulo é fácil entender que o reinado de D. Maria I teve grande importância, tanto para quem viveu na época, que assistiu à notória valorização da formação militar em Portugal, mas também para as gerações vindouras que beneficiaram da herança deixada no século XVIII, isto porque, a Academia Real de Fortificação Artilharia e Desenho mais tarde vinha dar origem à Academia Militar⁵⁸ e a Companhia Real de Guardas Marinhas que viria a dar origem, em 1845, à Escola Naval.⁵⁹

1.6. A Corte Portuguesa no Brasil

Portugal, sendo considerado, uma “potência média”⁶⁰ tradicionalmente assumiu, tal como todas as “Potências médias (...) uma posição neutral nos conflitos europeus, de modo a evitar riscos de soberania e de independência política e maximizar oportunidades comerciais”⁶¹. Face ao exposto, em 1800, Domingos Vandelli «(...) avalia (...) se a paz se a guerra com a França favorecia os interesses nacionais. (...)»⁶² Isto porque o mar era a única forma de assegurar a circulação marítima no Atlântico com as suas colónias e que agora via ameaçada. Neste sentido, o caminho tomado foi o de manter a aliança, já antiga, com a maior potência marítima da altura, Inglaterra, com o propósito de «neutralizar a hegemonia espanhola na Península Ibérica»⁶³, ao mesmo tempo que tentava assinar um conjunto de tratados «com a potência continental, a França»⁶⁴:

⁵⁷ *Ibid.*

⁵⁸ Academia Militar, «Resenha Histórica».

⁵⁹ Vários, *História da Escola Naval*, s.l., p. 2.

⁶⁰ ed. lit. Congresso Internacional e Interdisciplinar Evocativo da Guerra Peninsular, Lisboa, 2007; Colóquio de História Militar : Nos 200 Anos das Invasões Napoleónicas em Portugal, 17, Lisboa, 2007, co-autor; Sousa, Maria Leonor Machado de, 1932-, *A GUERRA PENINSULAR : PERSPECTIVAS MULTIDISCIPLINARES : ACTAS / CONGRESSO INTERNACIONAL E INTERDISCIPLINAR EVOCATIVO DA GUERRA PENINSULAR, XVII COLÓQUIO DE HISTÓRIA MILITAR «NOS 200 ANOS DAS INVASÕES NAPOLEÓNICAS EM PORTUGAL»*, Biblioteca Nacional, p. 95.

⁶¹ *Ibid.*

⁶² Mendo Castro Henrique, *A transferência da Capital e da Corte para o Brasil*, Biblioteca da Escola Naval, Tribuna, p. 214.

⁶³ ed. lit. Congresso Internacional e Interdisciplinar Evocativo da Guerra Peninsular, Lisboa, 2007; Colóquio de História Militar : Nos 200 Anos das Invasões Napoleónicas em Portugal, 17, Lisboa, 2007, co-autor; Sousa, Maria Leonor Machado de, 1932-, *A GUERRA PENINSULAR : PERSPECTIVAS MULTIDISCIPLINARES : ACTAS / CONGRESSO INTERNACIONAL E INTERDISCIPLINAR EVOCATIVO DA GUERRA PENINSULAR, XVII COLÓQUIO DE HISTÓRIA MILITAR «NOS 200 ANOS DAS INVASÕES NAPOLEÓNICAS EM PORTUGAL»*, p. 126.

⁶⁴ *Ibid.*

Contudo, o desejo de Portugal se aliar com França não foi possível, pois um tratado assinado entre Portugal, Espanha e Inglaterra fizeram desenvolver uma guerra que ficou conhecida na História de Portugal como *Campanha do Rossilhão*⁶⁵. Após essa guerra Portugal, abandonado por Espanha, voltou a tentar negociar com França⁶⁶, uma possível aliança. No entanto, houve duas questões que impediram, novamente, que esta aliança se concretizasse: primeiro França e Inglaterra eram nações inimigas; e, por último, o facto das relações de Portugal com Inglaterra serem algo duvidosas. Esta duas situações juntas foram um entrave à então aliança proposta por Portugal.

Napoleão assim que confirmou a colaboração de Portugal com Inglaterra proferiu de imediato uma ordem para o seu exército que fazia prever o pior no território nacional⁶⁷. De facto, não foi necessário esperar muito, já que a 16 de maio de 1806, França decretou o Bloqueio Continental⁶⁸, desde a Foz do Elba ao porto de Breste⁶⁹. Com este bloqueio Napoleão pretendia, acabar com o domínio dos mares pela sua grande nação inimiga, a Inglaterra. Este cortaria as relações comerciais entre Inglaterra e os restantes países, sendo que, se algum país quebrasse o bloqueio imposto por Napoleão seria considerado inimigo tanto de França como dos seus aliados, com todas as consequências que isso acarretava.

Assim Portugal começava a ver-se no meio de um dilema enorme: de um lado tinha Inglaterra, uma aliança histórica e indispensável para “garantir a ligação de Lisboa com o império disperso pelo mundo”⁷⁰ e do outro lado tinha a França que ameaçava invadir o território nacional caso fosse desrespeitado o bloqueio imposto⁷¹.

A verdade é que não tardou muito para o cerco apertar para Portugal, visto que, passado pouco mais de um ano do decretar do bloqueio continental, Portugal recebia ordens claras de Napoleão para fechar os seus portos à aliada Inglaterra, sendo que tinha até 1 de setembro do mesmo ano para que o fizesse⁷².

⁶⁵ José Geraldo, *As invasões napoleónicas: desde a ida da Família Real para o Brasil às Linhas de Torres: 1807-1811*, Biblioteca Nacional, 2011, p. 45.

⁶⁶ *Ibid.*, p. 46.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 49.,

⁶⁸ Este Bloqueio foi uma resposta levada a cabo por Napoleão Bonaparte ao Bloqueio Continental por mar que a Inglaterra decretara. Napoleão ordenou, em Berlim (1806), o Bloqueio Continental, por terra, no qual foram proibidas todas as relações comerciais entre o Continente e as Ilhas Britânicas. A grande consequência deste bloqueio foi que todas as mercadorias e navios de origem inglesa que efetuassem trocas comerciais em portos britânicos seriam confiscadas e todos os cidadãos ingleses que viajassem pela Europa seriam aprisionados.

⁶⁹ Eduardo Brasão, *História diplomática de Portugal*, I., Biblioteca Nacional, p. 442.e

⁷⁰ J. Geraldo, *As invasões napoleónicas: desde a ida da Família Real para o Brasil às Linhas de Torres: 1807-1811*, p. 44.

⁷¹ *Ibid.*, p. 55.

⁷² *Ibid.*

Fazendo-se prever a invasão por parte de Napoleão, o rei D. João preparou com a maior brevidade possível, a transferência da Família Real portuguesa⁷³ para o Brasil, “a sua maior colónia de então”⁷⁴. O resultado seria uma Convenção Secreta, datada de 22 de outubro de 1807, entre o D. João e o rei inglês Jorge III e que «estabelecia a transferência da sede da monarquia portuguesa para o Brasil»⁷⁵ e previa também a ocupação da ilha da Madeira por militares ingleses.

“A frota zarpava finalmente ao amanhecer de 29 de novembro, com ventos favoráveis os navios despediam-se de Lisboa e por volta do meio dia (...)”⁷⁶. Partia então para o Brasil a Família Real Portuguesa, numa companhia de 23 navios portugueses, mais de 30 navios mercantes e os navios ingleses a escoltá-los⁷⁷. Com a Corte Portuguesa foram ainda 15000 pessoas⁷⁸ que representavam todas as classes sociais e que se distribuíram pelos navios da esquadra portuguesa.

⁷³ *Ibid.*

⁷⁴ *Ibid.*

⁷⁵ *Ibid.*, p. 56.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 73.

⁷⁷ *Ibid.*

⁷⁸ *Ibid.*, p. 73.

Capítulo 2 – Um homem no seu tempo

2.1. O seu envolvimento no séc. XVIII

Manoel do Espírito Santo Limpo nasceu em 1755⁷⁹, durante o reinado do rei José I, em Madalena, Olivença, que então pertencia à coroa portuguesa⁸⁰. Filho legítimo de Francisco do Espírito Santo Limpo e de Margarida Eugénia Rosado, naturais também de Olivença⁸¹, viria a casar-se, mais tarde, com Maria da Maternidade d'Abreu e Oliveira⁸², não nos tendo sido possível determinar esta data, sabemos, no entanto, que este se terá casado depois de 1778, isto porque, no *Processo da Inquirição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, do ANTT, todo ele de realizado em 1778, se faz referência a que este seria solteiro, tal como podemos confirmar na seguinte transcrição:

Processo de Manoel do Espírito Santo Limpo, Cabo de Esquadra no Regimento de Artilharia do Porto aquartelado na Praça de Valença do Minho, Solteiro, filho de Francisco do Espírito Santo Limpo, natural de Olivença, Bispo de Elvas e morador na dita praça de Valença, Arcebispado de Braga⁸³.

Sabe-se que na sua terra natal foi batizado e crismado «(...) pelo Bispo de Elvas, a quem não sabe o nome. (...)»⁸⁴. Aqui também terá aprendido a ler e a escrever, bem como as disciplinas de Retórica e Matemática⁸⁵, que mais tarde viria a lecionar. Num primeiro momento, isto denota que, desde cedo, Manoel do Espírito Santo Limpo demonstrou alguma apetência para as Ciências (Matemática), que mais a frente iremos perceber que realmente foi onde se destacou e onde deu o seu contributo para o reino.

Deixa cedo Olivença para vir estudar para a Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, onde foi admitido para frequentar o curso de Matemática da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, em 1773⁸⁶, fazendo nessa altura apenas o primeiro e segundo anos do respetivo curso⁸⁷.

⁷⁹ *Manoel do Espírito Santo Limpo*, cx.5.

⁸⁰ A. de Olivenza, «Breve historia de Olivenza».

⁸¹ *Matriculas 1773-1774*.

⁸² José Joaquim da Silva Viera, *Cx. 315*, Arquivo Histórico Militar.

⁸³ Vários, *Processo da Inquirição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, p. 1.

⁸⁴ *Ibid.*, p. 35.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 36.

⁸⁶ *Matriculas 1773-1774*.

⁸⁷ *Ibid.*

Em 1775, e por vontade própria como o próprio afirma, interrompe os seus estudos na dita Faculdade para se alistar no Exército. O seu primeiro contacto com a realidade militar acontece então em 1775, quando Manoel do Espirito Santo Limpo decide alistar-se no Exército, assentando praça como soldado no dia 1 de novembro de 1775, na 8ª companhia do RAP, aquartelado em Valença do Minho, durante o Comando do Coronel João Victoria Miron de Sabionne (1726 – 1810)⁸⁸. Foi depois passado a cabo de esquadra a 1 de outubro de 1777, posto que só pôde começar a desempenhar a partir de março do ano seguinte⁸⁹.

Nesta fase da investigação surgiram 3 questões inerentes ao percurso do nosso biografado e que de certo modo também nos ajudaram a organizar a procura de informação:

- Como teria conseguido Manoel do Espirito Santo Limpo vir estudar para Coimbra?
- Porque teria Manoel do Espirito Santo Limpo interrompido os estudos?
- Porque razão Manoel do Espirito Santo Limpo se alistou no Exército?

Para a primeira questão não conseguimos encontrar documentação nos levasse a uma resposta concreta, contudo, a necessidade de uma resposta levou-nos a conjeturar e, sabendo que na época vir estudar para Coimbra era considerado algo apenas possível para a nobreza, leva-nos a crer que a família de Manoel do Espirito Santo Limpo era uma família com o certo grau de importância e com posses pois, como já referi, ir estudar para fora da sua «terra natal» acarretava despesas, como por exemplo, casa e alimentação que uma pessoa pertencente à classe desfavorecidas da sociedade naturalmente não teria capacidades de sustentar.

As duas questões que se seguem: Porque teria Manoel do Espirito Santo Limpo interrompido os Estudos? e Porque razão Manoel do Espirito Santo Limpo se alistou no Exército?, estão interligadas e, deste modo, houve a necessidade de investigar todos os pormenores possíveis desta fase específica da sua vida. A resposta a estas questões não foi de todo fácil de alcançar, contudo, depois de algum tempo e recorrendo aos seguintes documentos: *O processo da Inquirição de Manoel do Espirito Santo Limpo* e *Academia Real de Marinha Lentes – Abreu a Vasconcelos* (documentos avulso da caixa 5, da Biblioteca Central de Marinha-Arquivo Histórico) nos foi possível retirar, primeiro que Manoel do Espirito Santo Limpo se teria alistado

⁸⁸ *Manoel do Espirito Santo Limpo*, cx.5.

⁸⁹ *Ibid.*, cx.5.

no Exercito em 1775⁹⁰, e que o teria feito unicamente por vontade própria⁹¹ como podemos confirmar a seguir:

(...) Dice que haverá pouco mais de dous annos depois de ter aprovado nos dous antecedentes Mathematica nesta Universidade para assentar Praça no Regimento da Artilharia do Porto aquartelado na Praça de Valença contra a vontade de seos Pays, unicamente por inclinação sua própria e desejos do seo addiamento naquele (... ilegível ...)⁹².

O facto de Manoel do Espirito Santo Limpo ter interrompido os estudos para prestar serviço no Regimento de Artilharia do Porto merece um breve comentário nem que seja para louvar a coragem que nos parece que foi necessária para tomar esta decisão. Isto porque, após analisados os dados disponíveis, nada o fazia prever, até porque a sua passagem pela Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra estava a correr normalmente, tendo passados os dois primeiros anos com distinção⁹³.

Neste Regimento existia uma Aula de Artilharia onde se aprendiam noções de Matemática, em especial, aquelas que eram essenciais para as atividades que envolvessem o manuseamento de armas. Foi aqui que Espirito Santo Limpo, enquanto soldado e depois cabo de esquadra exerceu, pela primeira vez, a sua atividade enquanto lente, durante os 3 anos que esteve ligado ao Exército⁹⁴.

No ano de 1777, correspondente ao último ano em que o nosso biografado prestava serviço no Exército, este é alvo de uma acusação remetida por Joaquim Vicente Pereira de Araújo, estudante do 1º ano do Curso Jurídico ao Santo Ofício. Esta acusação resultou na prisão, acusação e condenação de Manoel do Espirito Santo Limpo, por heresia e apostasia. A acusação foi efetuada por Joaquim Vicente Pereira de Araújo, aluno de Direito da Universidade de Coimbra e que levou ao mandato de prisão do nosso biografado em 1778. Durante esse ano gerou-se um longo processo de averiguações que conduziram à determinação da sua penitência no dia 16 de outubro de 1778, altura em que o nosso biografado seria libertado dos calabouços da Inquisição.

Determinada a sua condenação em 1778 sabe-se apenas que este terá voltado à Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra em 1783, para concluir o curso que tinha interrompido e, nesse

⁹⁰ *Manoel do Espirito Santo Limpo* cx.5.

⁹¹ *Vários, Processo da Inquisição de Manoel do Espirito Santo Limpo*, p. 23.

⁹² *Ibid.*

⁹³ *Matriculas 1773-1774.e Matriculas 1774-1775*, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

⁹⁴ *Manoel do Espirito Santo Limpo*, cx.5.

ano, propôs-se a frequentar o curso de Matemática da mesma Universidade, tendo sido «(...) admitido no 3º ano com exame de latim e 1º e 2º anno a 16 de Outubro de 1783 (...)»⁹⁵, terminado o respetivo curso a 11 de julho de 1785 e recebendo o grau de bacharel⁹⁶ e cartas de formatura a 20 de julho de 1785⁹⁷.

Acreditamos também que Manoel do Espírito Santo Limpo terá casado a posteriori da sua condenação, com Maria da Maternidade d'Abreu e Oliveira⁹⁸, casamento de que resultaram dois filhos António Paulino Limpo de Abreu e Francisco Pedro Limpo⁹⁹, que, tal como o pai, foram pessoas importantes à época ainda que em vertentes e países diferente, como explicarei mais a frente.

Começamos por falar de Francisco Pedro Limpo, aquele que optou pela carreira militar, acreditamos que este tenha sido o primeiro filho do casal apesar de não nos ter sido possível determinar a sua data de nascimento. Assentou praça na Brigada Real de Marinha no dia 23 de janeiro de 1809, sendo posteriormente passado ao posto de Alferes, a 21 de junho de 1810. Este fez a sua carreira na Marinha, enquanto oficial, uma carreira essencialmente no mar, comandando diversos navios da Armada. Contudo, é importante salientar a data de 11 de junho de 1831, em que, Francisco Limpo estando a bordo da Nau *D. João VI*, via Portugal ser atacado por França, por uma esquadra constituída por «(...) seis naus, duas fragatas e um brigue (...)»¹⁰⁰, comandada pelo almirante Roussin o que o obrigou a desembarcar e, posteriormente, pela panorama vivido no seu país viu-se «obrigado» a emigrar para França, tendo sido até considerado desertor em Portugal, segundo a informação recolhida nos *Livros Mestres* da Biblioteca Central de Marinha-Arquivo Histórico. A razão desta invasão do Tejo, fundamentada com a tese *A Marinha de Guerra Portuguesa desde o regresso de D. João VI a Portugal e o início da Regeneração (1821-1851)*, de Jorge Manuel Moreira Silva, prendeu-se com o facto de Portugal se ter recusado a pagar as reparações exigidas pelo governo Francês, «(...) pelos danos causados a alguns cidadão franceses em Lisboa (...)»¹⁰¹ Já em França, Francisco Limpo, assumiu 2 cargos de poder, para os quais foi nomeado: «(...) vogal da comissão encarregada da reforma e melhoramento da Armada, tendo como função examinar e dar o parecer sobre

⁹⁵ *Matriculas 1783-1784*.

⁹⁶ Designação dada a um aluno que tenha concluído todas as cadeiras do ensino superior

⁹⁷ *Carta de curso de Manoel do Espírito Santo Limpo*.

⁹⁸ J.J. da S. Viera, cx. 315.

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ Jorge Manuel Moreira Silva, *A Marinha de Guerra Portuguesa desde o Regresso de D. João VI a Portugal e o Início da Regeneração (1821-1851)*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, s.l., p. 44.

¹⁰¹ *Ibid.*, p. 43.

as pretensões de alguns oficiais reformados da Armada(...) »¹⁰² e «(...) vogal da comissão encarregada de examinar os arsenais e mais estabelecimentos marítimos de França para informar o governador sobre os melhoramentos que ali se tinham de introduzir (...)»¹⁰³. Reformou-se a 6 de junho de 1863, com o posto de Chefe de Esquadra e faleceu um ano depois em Lorient, França, no dia 27 de abril de 1864.¹⁰⁴

António Paulino Limpo de Abreu, o filho que acreditamos ser o mais novo do casal, nasceu a 22 de junho de 1798, em Lisboa. Formou-se em Leys, que hoje em dia vulgarmente conhecemos por Direito, na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, tendo terminado o curso a 19 de maio de 1820¹⁰⁵. Após a ida para o Brasil, juntamente com alguns dos seus familiares, como irei expor mais a frente, não mais voltou a Portugal e foi no Brasil que cresceu enquanto pessoa e profissional na área da política. Aí teve vários cargos, tais como, «(...) Deputado à Assembleia Geral Legislativa pela Província de Minas Gerais (1826 a 1841 e 1845 a 1847) (...)»¹⁰⁶ e «(...) Desembargador da Relação da Bahia (...)»¹⁰⁷. No seu vasto currículo conta ainda com «(...) os títulos de visconde e oficial da Ordem do Cruzeiro e a Grã-Cruz da Ordem de Cristo (...)»¹⁰⁸

Para além dos familiares diretos foi nos possível também, através de um documento do Arquivo Histórico Militar, já referido anteriormente, completar a árvore genealógica de Manoel do Espírito Santo Limpo. Esta carta é datada de 18 de fevereiro de 1809, escrita por José Joaquim da Silva Vieira e que referencia os seguintes elementos

- Sogra: D. Coleta Maquelina Goes d'Abreu;
- Cunhadas (menores de idade à data): D. Bernardina Columia de Abreu e Oliveira e D. Francisca Mónica d'Abreu e Oliveira;

¹⁰² Nomeado para o cargo a 11 de março de 1836.

Livro Mestre nº 2462, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico, p. 35.; *Livro Mestre nº 381*, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico, p. 13. e *Livro Mestre nº 380*, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico, p. 32.

¹⁰³ Nomeado para o cargo por portaria de 7 de setembro de 1837.

Livro Mestre nº 2462, p. 35.

¹⁰⁴ *Ibid.*

¹⁰⁵ *Carta de curso de António Paulino Limpo de Abreu*, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra. e *Matrículas 1815-1816*, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

¹⁰⁶ *Antônio Paulino Limpo de Abreu*, http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/presidentes/antonio_abreu1.html, (consulté le 20 de Junho de 2019).

¹⁰⁷ *Ibid.*

¹⁰⁸ *Ibid.*

- Cunhados: Agostinha Jacob de Abreu¹⁰⁹ e Oliveira e José Maria de Abreu e Oliveira¹¹⁰;
- D. Luiza Maria do Espirito Santo Limpo¹¹¹.

A vida de Manoel do Espirito Santo Limpo, nos anos que se seguiram teve uma forte ligação às ciências e à profissão de lente. Foi um reconhecido lente da época, tendo exercido a profissão durante 22 anos ininterruptos, entre 1787 e 1809, na Academia Real de Marinha e Companhia Real de Guardas Marinhas. Aliás, o seu reconhecimento deve-se sobretudo graças aos seus conhecimentos, que fez questão de passar aos alunos das academias da Marinha e escrevendo um conjunto de obras que hoje em dia se encontra disponível na Biblioteca Nacional de Portugal.

No seguimento do assunto abordado no parágrafo anterior, foi ele o responsável por fazer chegar a Portugal o conhecimento teórico-prático de autores estrangeiros, tais como, Bourguer, Rome e outros, em áreas como a Navegação e a Tática Naval, ligadas claro está, à Matemática. Por tudo isto paremos que Manoel do Espirito Santo Limpo terá sido uma pessoa de alguma importancia para a Academia Real de Marinha e Companhia Real de Guardas Marinha e, por isso, de certo modo, também para Portugal no século XVIII e inicio do século XIX.

Para além da sua carreira enquanto lente durante um longo período, Manoel do Espírito Santo Limpo esteve também ligado à Academia Real das Ciências de Lisboa onde foi sócio, tendo escrito aí apenas uma memória (*Memória sobre o estabelecimento da quinta Ordem de Marcha por haver alterado o vento*) e foi o 1º diretor do Observatório Real de Marinha, tudo isto conciliado com a vida e carreira militar.

2.2. Do Exército para os cárceres da Inquisição

Enquanto militar, a prestar serviço no Regimento de Artilharia do Porto aquartelado em Valença do Minho, Manoel do Espirito Santo Limpo conhece José Anastácio da Cunha¹¹², 1º Tenente¹¹³ à altura e a prestar serviço no mesmo Regimento.

Nesta época o Regimento em questão, como consequência da reorganização militar imposta por Marquês de Pombal, contratou novos militares, em grande parte estrangeiros oriundos de Inglaterra,

¹⁰⁹ Oficial da Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda.

¹¹⁰ Escriturário do Real Erário.

¹¹¹ J.J. da S. Viera, *cx. 315*.

¹¹² José Anastácio da Cunha nasceu em Lisboa a 11 de maio de 1744, filho de Lourenço Cunha (pintor e cenerista) e Jacinta Inês. Foi um distinto matemático e poeta português e foi preso pela Inquisição de Coimbra em 1778 juntamente com Manoel do Espírito Santo Limpo e outros.

¹¹³ João Pedro Ferro, *O processo de José Anastácio da Cunha*, Biblioteca Nacional, 1987.

França, Itália e Alemanha, que vinham para Portugal à procura do estatuto e regalias que não conseguiam facilmente nos seus países. Eram, em regra, «(...) pouco disciplinados e, muitas vezes, geradores de conflitos. (...)»¹¹⁴ Sendo eles oriundos dos «(...) países iluminados da Europa (...)»¹¹⁵, desde cedo se reuniram para ler e debater livros de autores que, na altura, eram proibidos em Portugal: «(...) Voltaire, Rousseau, Hobbes (...)», etc¹¹⁶.

É importante também lembrar que nesta época a Religião Católica era considerada a «(...) Religião do Estado e a sua prática absolutamente obrigatória (...)»¹¹⁷. Por isso, qualquer ação que fosse contra os seus ideais seria altamente punível, tal como confirmamos com o seguinte excerto do *Processo da Inquirição de Manoel do Espírito Santo Limpo*:

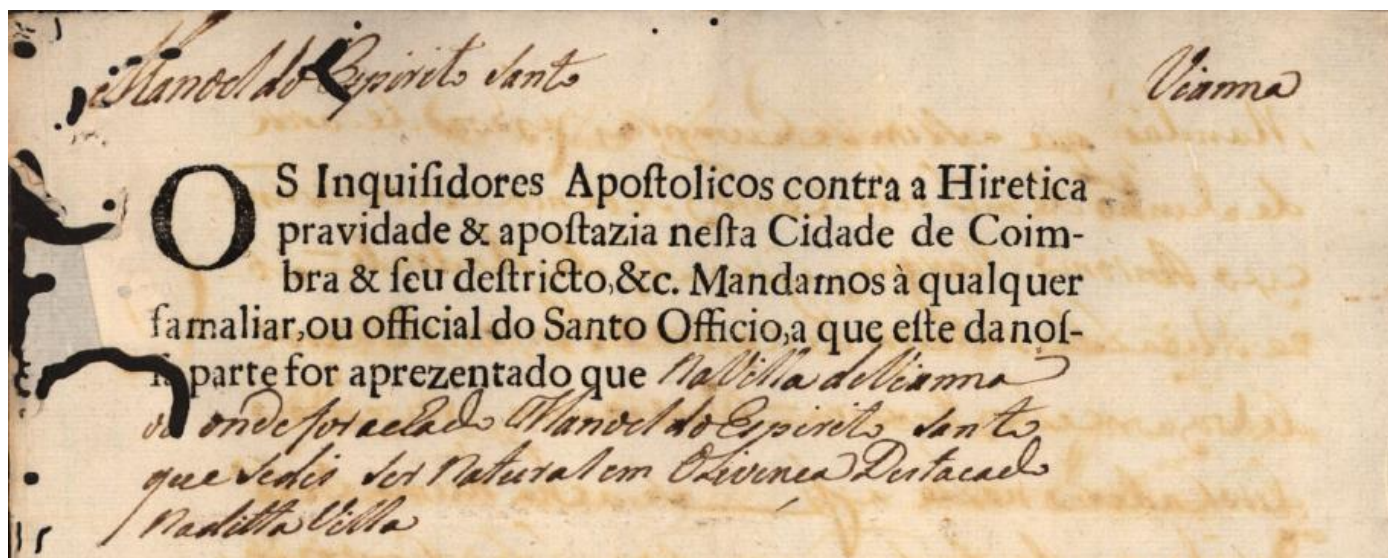


Figura 1 - excerto do mandado de prisão de Manoel do Espírito Santo Limpo¹¹⁸

Desta feita a 29 de abril de 1777, Joaquim Vicente Pereira de Araújo, estudante do 1º ano do Curso Jurídico, natural de Valença¹¹⁹, elaborou e apresentou uma denúncia à Inquirição através do Comissário do Santo Ofício em Braga. Denúncia esta que acusava o nosso biografado de heresia e apostasia.

Segundo conta Arlindo Correia, no *Processo de José Anastácio da Cunha*, foi nos possível concluir que a denúncia terá sido dirigida contra:

- Henrique Leitão de Sousa, cadete em Valença;

¹¹⁴ *Ibid.*, p. X–XI.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. x.

¹¹⁶ *Ibid.*

¹¹⁷ Arlindo Correia, *Processo de José Anastácio da Cunha*, <http://arlindo-correia.com/180410.html>.

¹¹⁸ Vários, *Processo da Inquirição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, p. 7.

¹¹⁹ A. Correia, «Processo de José Anastácio da Cunha».

- José Maria Teixeira, estudante do 5º ano de Cânones, natural de Valença;
- João Manuel de Abreu, soldado em Valença;
- Manoel do Espírito Santo Limpo, cabo de Esquadra em Valença;
- José de Sousa, soldado em Valença;
- José Barreto, cadete em Valença;
- João de Mattos, soldado em Valença¹²⁰.

As denúncias foram vistas na Inquisição de Coimbra a 7 de maio de 1777 e a 7 de janeiro do ano seguinte saíram os mandados de prisão que «(...) trouxeram para os calabouços da Inquisição (...)»¹²¹, nesse mesmo dia:

- José Barreto;
- Henrique Leitão de Sousa;
- José Madeira Monteiro;
- José Leandro Meliani da Cruz;
- José de Sousa
- João Manuel de Abreu¹²².

Sobre os militares a prestar serviço em Valença do Minho, sabe-se que o seu processo foi apresentado ao Conselho Geral¹²³, como seria hábito, para que este confirma-se as sentenças dos militares em questão. O Conselho determinou a apresentação destes em auto-de-fé a 11 de outubro de 1778, na Sala Pública da Inquisição de Lisboa, para que fossem ali apresentadas as suas sentenças.

¹²⁰ *Ibid.*

¹²¹ *Ibid.*

¹²² *Ibid.*

¹²³ Vários, *Processo da Inquisição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, p. 5.

Processo	Nome	Profissão	Prisão ou Apresentação	Auto-de-Fé	Data da sentença
8084	José Maria Teixeira	Estudante de 5º ano de Cânes	20-12-1777	11-10-1778	11-10-1778
7265A	José Barreto	Cadete	7-01-1778	11-10-1778	16-10-1778
8075	Henrique Leitão de Sousa	Cadete	7-01-1778	11-10-1778	16-10-1778
8079	José Madeira Monteiro	Soldado	7-01-1778	Não	17-10-1778
8081	José Leandro Meliani da Cruz	Tenente	7-01-1778	11-10-1778	16-10-1778
8085	José de Sousa	Soldado	7-01-1778	11-10-1778	16-10-1778
8076	João Manuel de Abreu	Soldado	7-01-1778	11-10-1778	16-10-1778
8090	Luís José Pereira Freire de Andrade	Estudante de 4º ano de Canês	08-01-1778	Não	
8091	Joaquim Vicente Pereira de Araújo	Estudante de 1º do Curso de Jurista	19-01-1778	Não	04-06-1778
8077	Manoel do Espírito Santo Limpo	Cabo de Esquadra	28-01-1778	11-10-1778	16-10-1778
8078	Alessio Vachi	Cirurgião-Mor	28-01-1778	11-10-1778	16-10-1778
8087	José Anastácio da Cunha	Tenente	01-07-1778	11-10-1778	16-10-1778
8089	Miguel de Kinselach Crochan	Sargento-Mor	15-07-1778	11-10-1778	16-10-1778

Tabela 1 - Militares e estudantes de Valença do Minho presos pela Inquisição¹²⁴

2.3. Nas mãos do Santo Ofício

Após apresentada a denúncia, um longo processo se realizou em que, durante pouco mais de um ano¹²⁵, os Inquisidores em diferentes fases tentaram alcançar a verdade dos factos para que, no final concedessem então a sentença a Manoel do Espírito Santo Limpo.

De todas as fases do processo considero importante destacar três. A primeira é o inventário dos bens na posse de Manoel do Espírito Santo Limpo (ver anexo 1), bens e livros, alguns destes que compreendemos

¹²⁴ A. Correia, «Processo de José Anastácio da Cunha».

¹²⁵ Período que dista desde a prisão (04-01-1777) até à determinação da penitência (16-10-1778)

que fossem contra a legalidade imposta pelo Santo Ofício, a segunda são as 12 testemunhas (ver anexo 2) que ,junto dos inquisidores, proferiam uma série de acusações contra o nosso biografado, e a terceira e ultima são as confissões do próprio perante o Santo Ofício, sendo que estas duas ultimas fases foram depois usadas pelos inquisidores do Santo Ofício para proferirem as acusações e a conseqüente penitencia do individuo em questão.

Manoel do Espirito Santo Limpo foi então preso, no seguimento da tentativa que existia de acabar com a heresia¹²⁶ e apostasia¹²⁷, como podemos comprovar a seguir:

Os Inquizidores Aspostolicos contra a herética pravidade e apostasia nesta cidade de Coimbra e seu distrito. Mandamos a qualquer familiar ou official do Santo Officio a que este da nossa parte for apresentado que na villa delle (...ilegível...) onde for achado Manoel do Espirito Santo Limpo que se diz ser natural de Olivença, destacado na ditta villa.¹²⁸

O nosso biografado depois de preso foi várias vezes chamado ao tribunal do Santo Ofício, e ai confessou aos Inquisidores, quais os bens que tinha em sua posse e as ações tomadas, que o Santo Ofício queria ouvir. Podemos mesmo afirmar que Manoel do Espirito Santo Limpo não tinha outra hipótese senão confessar-se na presença dos inquisidores, na esperança de que a sua penitência fosse branda e para «(...) salvaçãõ da sua alma (...)»¹²⁹, como podemos confirmar de seguida:

Os poderes conferidos aos inquisidores eram quase ilimitados. Podiam prender, julgar, castigar e torturar sem que os acusados pudessem escolher a sua defesa. O crime tinha de ser confessado e, não menos importante, tinha de haver lugar para o arrependimento, as almas que a Igreja conseguia salvar do inferno¹³⁰.

Tal como já foi afirmado neste subcapítulo, várias vezes Manoel do Espirito Santo Limpo se confessou afastado e descrente da fé cristã, afirmando mesmo duvidar a existência de um Deus, tal como se pode verificar nas seguintes transcrições:

¹²⁶ «(...) Doutrina contrária à ortodoxia de uma fé religiosa, condenada pela Igreja dessa fé (...)» em: Vários, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 13.ª ed., Biblioteca do Seixal, p. 122.

¹²⁷ «(...) Renúncia duma religião, abjuração da fé (...)» em: Vários, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 2.ª ed., Biblioteca do Seixal, p. 997.

¹²⁸ Vários, *Processo da Inquiziçãõ de Manoel do Espirito Santo Limpo*, p. 7.

¹²⁹ Vários, *Processo da Inquiziçãõ de Manoel do Espirito Santo Limpo*.

¹³⁰ «Breve história da Inquisição em Portugal».

(...) Dice que desta prática ficara elle inteiramente duvidoso e apartado da fé, o que comunicara em casa do dito Jose Barreto e ao dito João Manoel propondo-lhe o mesmo argumento (...)»¹³¹

Esta é a oitava¹³² que de Manoel do Espirito Santo Limpo admitiu proferir, juntamente com João Manoel e José Barreto, em que duvidavam, novamente, da existência de Deus¹³³.

« (...) Oh Deos que todo o mundo desconhece.

Oh Deus que tudo enuncia.

Ouviu ontem a palavra que minha boca pronuncia.

Se eu me enganei foi procurando a velha fé.

Meu coração pode perderse.

Mas elle está cheio de vós.

Eu vejo sem me estremecer.

Aparecer a eternidade.

Eu não posso pensar que hum Deos que me deo o ser.

Hum Deos que durante a minha vida me concedeo tantos benefícios.

Quando me dá a morte me condene para sempre (...)»¹³⁴

No seguinte do exposto e depois de «(...) vistos estes autos, culpas e confissões de Manoel do Espirito Santo Limpo (...)»¹³⁵ é acusado do seguinte:

- Duvidar da existência de Deus (ver anexo 3.);
- Por ter confessado que havia aprendido a sua “profissão” usando para o efeito livros escritos em língua estrangeira (francês) (ver anexo 4);
- Por se confessar afastado e descrente da Fé (ver anexo 5.);
- Por proferir discursos proibidos (ver anexo 6.);

¹³¹ Vários, *Processo da Inquiisição de Manoel do Espirito Santo Limpo*, p. 25.

¹³² Estrofe de oito versos em decassílabos, de que os primeiros seis têm rima alternada e os dois últimos de rima emparelhada. É a estrutura de *Os Lusíadas* de decassílabo heróico.

¹³³ Vários, *Processo da Inquiisição de Manoel do Espirito Santo Limpo*, p. 46–47.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 47.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 129.

- Por duvidar da veracidade da existência da religião católica (ver anexo 7);
- Por, juntamente com alguns dos detidos, ter persuadido as pessoas a desacreditarem na fé Cristã (ver anexo 8);
- Por celebrar, juntamente com quem seguia a mesma conduta, uma passagem num dos livros que liam e que fazia referência à condenação de um Santo ao Inferno (ver anexo 9).

No final deste complexo processo foi proferida, pelos «(...) Inquizidores, Ordinario e deputados (...)», a sua penitência, datada de 16 de outubro de 1778¹³⁶, tendo sido condenado a «(...) neste primeiro anno»¹³⁷ confessar-se em quatro alturas festivas da Igreja Católica: o Natal, a Páscoa, a Ressurreição do Espírito Santo e a Assunção de Nossa Senhora¹³⁸ e a rezar «(...) em cada semana hum terço do Rozario à Virgem Nossa Senhora e nas sextas feiras sinco Padre Nossos e Sinco Avé Marias as chagas de Cristo (...)»¹³⁹ (ver anexo 10).

2.4. Um militar interessado pelas Ciências

O seu interesse pelas ciências começou cedo pois existem provas que indicam que este quando veio para Coimbra já sabia ler, escrever e tinha conhecimentos de Retórica e Matemática¹⁴⁰. Aliás, acreditamos que estes seus conhecimentos não fossem apenas conhecimentos básicos, até porque foi nomeado para lecionar Matemática na Escola de Artilharia do Regimento de Artilharia do Porto¹⁴¹, sem ter qualquer curso, que tenhamos conhecimento, que o possibilitasse.

Antes de referir toda a sua carreira e importância nas Ciências para Portugal, considero importante destacar uma fase da sua vida: a altura em que este prestou serviço no Regimento de Artilharia do Porto, pois foi aqui que ele aprofundou em grande parte os seus conhecimentos, isto porque teria acesso a livros que uma pessoa comum não teria, livros escritos em francês e na sua maioria relacionados com a matemática (ver anexo 1 e 4).

O seu reconhecimento começou em 1787 quando foi nomeado, por decreto real «lente substituto da cadeira de 2º ano de matemática da Academia Real de Marinha, em substituição do Dr. Miguel Franzini,

¹³⁶ *Ibid.*, p. 143.

¹³⁷ *Ibid.*

¹³⁸ *Ibid.*

¹³⁹ *Ibid.*

¹⁴⁰ *Ibid.*, p. 36.

¹⁴¹ *Manoel do Espírito Santo Limpo* cx. 5.

que em 1791 o nomeou, através de outro Decreto-Real, para lente substituto, desta vez da cadeira de 3º ano da Academia Real de Marinha, por impedimento de Francisco António Ciera»¹⁴².

Manoel do Espírito Santo Limpo, lente substituto da Real Academia de Marinha pede uma graduação militar por ser o único lente substituto das duas Academias sem graduação militar¹⁴³

Em 1791, ano em que Manoel do Espírito Santo Limpo é nomeado lente da cadeira de 3º ano da Academia Real de Marinha, toma a decisão de pedir que lhe atribuissem uma patente militar, justificando-se que seria o único lente não militar tanto na Academia Real de Marinha como na Companhia Real de Guardas Marinhas. Este pedido foi aceite e a 16 de novembro de 1791, por Decreto Real, foi promovido a 1º TEN do Mar¹⁴⁴.

A sua progressão militar foi rápida¹⁴⁵ e em 1802 já teria o posto de Capitão de Fragata. Neste ano, é passado para o Real Corpo de Engenheiros, Exército, no posto de Tenente Coronel, mantendo as funções que desempenhava na altura (Diretor do Observatório Real de Marinha e lente):

Hey por bem conceder passagem a Manoel do Espírito Santo Limpo, Capitão de Fragata da Minha Armada Real para o Real Corpo dos Engenheiros no posto de Tenente Coronel que lhe corresponde sem prejuízo da antiguidade daqueles que a tiverem maior conservando o mesmo exercício que tem de Director do Observatorio Astronomico e lente da Academia Real da Marinha. O Conselho de Guerra o tenha assim entendido e lhe mande expedir os despachos necessários¹⁴⁶.

Voltando novamente à Academia Real de Marinha, onde Manoel do Espírito Santo Limpo se iniciou como lente em 1787, havia sido criada à relativamente pouco tempo aquando da sua nomeação, estamos a falar de 8 anos que distam da data de criação da referida academia e o ano em que é nomeado lente na

¹⁴² *Ibid.* cx. 5.

¹⁴³ *Ibid.* cx. 5.

¹⁴⁴ *Ibid.* cx. 5.

¹⁴⁵ Foi promovido, por decreto real de 20 de outubro de 1796, a Capitão-Tenente e foi promovido, por decreto real de 20 de outubro de 1797, a Capitão-de-Fragata.

¹⁴⁶ António Joaquim de Moraes, *Cópia do Decreto de D. Joao VI, principe Regente*, Arquivo Histórico Militar; 12 de junho de 1802; FO12; SEÇÃO SR01; NÚMERO 188; CAIXA 14.

dita academia onde, por ordem de D. Maria, iria ser lecionado um «Curso de Mathematica»¹⁴⁷, dividido em 3 anos da seguinte forma¹⁴⁸:

- No primeiro ano eram dadas as cadeiras de Aritmetica, Geometria, Trigonometria Plana e a sua aplicação prática, e os principios elementares da Álgebra, incluindo equações de segundo grau;
- No segundo ano continuava-se a ensinar Álgebra, desta vez introduzindo a sua aplicação à Geometria e ao Cálculo Diferencia e Integral. Ensinavam-se também os principios fundamentais da Estática, Dinamica, Hidroestática, Hidráulica e Ótica.
- No terceiro e último ano seriam lecionadas as cadeiras de Trigonometria Esférica e a Arte de Navegação, Teórica e Prática.¹⁴⁹

Como referido anteriormente, o nosso biografado vê nesta altura a sua obra reconhecida, destacando-se, na nossa opinião 3 livros que como o próprio refere «são dedicados aos alunos da Academia Real de Marinha e aos pilotos da Marinha Mercante»¹⁵⁰, e que abrangem essencialmente as áreas da Navegação e Tática Naval, contudo, usando sempre como referência a Matemática, área em que se formou. Os livros em causa são os seguintes: “Noções de Manobras de navio”, em 1793, “Princípios de tática naval”, em 1795 e “ensaio de tática naval”, em 1801, que é uma tradução do livro escrito por João Clerk.

Foi ainda sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa. Nomeado a 26 de novembro de 1787, sócio correspondente em substituição de João Pedro Ribeiro Lócio, que havia falecido. Aqui fez um percurso naturalmente semelhante ao dos restantes sócios da altura, tendo a sua última promoção, a «sócio efetivo na classe das ciências exatas»¹⁵¹ ocorrido no dia 7 de julho de 1806¹⁵².

Foi depois promovido a Capitão Tenente por decreto real de 20 de outubro de 1796 e promovido a Capitão de Fragata a 20 de outubro de 1797, por via de outro decreto real¹⁵³. Em 1802, este foi passado

¹⁴⁷ «Decreto de 5 de agosto de 1779».

¹⁴⁸ Espírito Santo Limpo foi lente de segundo e terceiro ano da dita academia.

¹⁴⁹ «Decreto de 5 de agosto de 1779».

¹⁵⁰ Manoel do Espírito Santo Limpo, *Noções de Manobra do Navio*, Biblioteca Nacional, 1793, p. 14.

¹⁵¹ *Processo de Manoel do Espírito Santo Limpo*, Academia Real das Ciências de Lisboa.

¹⁵² *Ibid.*

¹⁵³ *Livro Mestre n° 386*, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico, p. 274.e *Livro Mestre n° 379*, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico, p. 48.

para o Real Corpo de Engenheiros, Exército, no posto de Tenente Coronel, mantendo as funções que desempenhava na altura (Diretor do Observatório Real de Marinha e lente).

Hey por bem conceder passagem a Manoel do Espirito Santo Limpo, Capitão de Fragata da Minha Armada Real para o Real Corpo dos Engenheiros no posto de Tenente Coronel que lhe corresponde sem prejuízo da antiguidade daqueles que a tiverem maior conservando o mesmo exercício que tem de Director do Observatorio Astronomico e lente da Academia Real da Marinha. O Conselho de Guerra o tenha assim entendido e lhe mande expedir os despachos necessários¹⁵⁴.

2.5. Observatório Real da Marinha

A primeira vez que foi demonstrada a vontade e interesse na construção de um Observatório para a Marinha, foi pelo conde de São Vicente que num ofício de 1788¹⁵⁵, escreve o seguinte: “que em cima da Casa das Formas se faça um Observatório, para o qual se acha já feita uma serventia; e com uma tenuíssima despesa, sem ruína da casa se conclui”¹⁵⁶.

Contudo, não existe nenhuma indicação de que o Observatório tenha sido ali construído¹⁵⁷. Até porque Francisco António Ciera, em 1791, se queixou do facto da Academia Real de Marinha não possuir nenhum Observatório e instrumentos próprios e necessários para a instrução dos seus alunos e os instrumentos que possuía não disporem de um local próprio para a sua conservação, o que os danificava.

Sendo tão necessário um observatório para os exercícios práticos de Astronomia que servem aos [discípulos] que se destinam a servir S. Maj. Na Marinha, a Academia da Marinha está presentemente o mais mal servida que pode ser, com o que atualmente tem. Sendo este feito de madeira, no Verão, empena e deixa muitas fendas abertas, por onde entra grande quantidade de pó junto com o demasiado calor, que dentro dele faz mais de 10 graus de diferença no termómetro, o que em outro edifício fora, danifica muito consideravelmente alguns instrumentos, que de necessidade, de Inverno a chuva que entra para muitas partes produz ainda maiores danos.¹⁵⁸

¹⁵⁴ A.J. de Moraes, *Cópia do Decreto de D. Joao VI, principe Regente*; 12 de junho de 1802; FO12; SEÇÃO SR01; NÚMERO 188; CAIXA 14.

¹⁵⁵ António Estácio dos Reis, *Observatório Real da Marinha*, Biblioteca Nacional, 2009, p. 29.

¹⁵⁶ *Cx.115*, Biblioteca Central de Marinha; 27-4-1788.

¹⁵⁷ A.E. dos Reis, *Observatório Real da Marinha*, p. 29.

¹⁵⁸ *Ibid.*, p. 31, nota 13.

Seguindo as ideias transmitidas por António Estácio dos Reis e Filipe Folque nos seus livros *Observatório Real da Marinha* e *Relatório acerca do Observatório Astronómico de Marinha*, respetivamente, foi nos possível concluir que o Observatório Real de Marinha, apesar da sua data de criação, era uma ideia já antiga da rainha D. Maria I e que, com o contributo de D. Rodrigo de Sousa Coutinho¹⁵⁹, foi possível erguer, a 15 de março de 1798¹⁶⁰.

De facto conseguimos perceber que este Observatório era um objetivo para o Reino quando olhamos para a criação de todas as instituições erguidas no reinado da rainha, como por exemplo, a Academia Real de Fortificação Artilharia e Desenho, Academia Real de Marinha, aula de comercio e aula de desenho de figura e arquitetura¹⁶¹, pois, em «todas estas instituições se revela o bello pensamento de vulgarizar estudos de immediata applicação aos diversos ramos do serviço publico; (...)»¹⁶². Ainda como complemento à ideia de que a intenção da construção do Observatório é bastante anterior à sua criação propriamente dita é de referir os seguintes documentos, escritos aquando da criação da Academia Real de Marinha e que, segundo António Estácio dos Reis, «se acredita que estiveram na origem do Observatório»:

- «O aviso de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, secretário de Estado dos negócios da Marinha, a Manoel do Espírito Santo Limpo sobre o estabelecimento do Observatório Comum às duas Academias»¹⁶³;
- «O aviso do mesmo D. Rodrigo de Sousa Coutinho a Bernardo Ramiro Esquível, que exercia as funções de vice-presidente do Concelho do Almirantado»¹⁶⁴;

¹⁵⁹ Também conhecido como conde de linhares nasceu a 4 de agosto de 1745 em chaves e faleceu a 26 de janeiro de 1812 no Rio de Janeiro. Filho legítimo de D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho e de D. Aa Luísa Joaquina Teixeira e tinha um irmão, o conde e marquês do Funchal, D. Domingos António de Sousa Coutinho.

Este foiministro em Turim e depois foi chamado a Portugal em 1795, aquando da morte de Martinho de Melo e Castro, para o substituir na pasta do Ministério da Marinha, em que prestou serviços relevantes, continuando a obra de reorganização militar levada a cabo por Martinho de Melo e Castro, criando o Real Corpo de Engenheiros e a Junta da Fazenda de Marinha.

Seguem-se depois muitas outras funções diplomáticas em Portugal, tais como, presidente do Real Erário, por morte do marquês de Ponte de Lima, onde se destacou pelo impulso que deu às ciências, nomeadamente desenvolvendo os trabalhos geodésicos.

Aquando das invasões francesas este emigrou para o Brasil, Rio de Janeiro, com a Família Real e aqui foi nomeado ministro dos negócios estrangeiros e da guerra.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho, <http://www.arqnet.pt/dicionario/linhares1m.html>, (consulté le 19 de Junho de 2019).

¹⁶⁰ A.E. dos Reis, *Observatório Real da Marinha*, p. 29.

¹⁶¹ F. Folque, *Relatório acerca do Observatório Astronómico de Marinha*, p. 3.

¹⁶² *Ibid.*, p. 7.

¹⁶³ *Livro de Registo de Ordens e avisos relativos ao Real Observatório da Marinha*, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico, Período: 1798-1827, Código de referência: 2406, Localização: 6-III-6-4.

¹⁶⁴ *Ibid.*, Período: 1798-1827, Código de referência: 2406, Localização: 6-III-6-4.

- «O aviso também de D. Rodrigo de Sousa Coutinho a António José de Oliveira, da Real Junta da Fazenda da Marinha»¹⁶⁵;
- «A carta passada pelo Concelho do Almirantado a Manoel do Espírito Santo Limpo»¹⁶⁶.

Após erguido o Observatório Real de Marinha, foi nomeado para seu diretor Manoel do Espírito Santo Limpo¹⁶⁷ que, na altura seria capitão-de-fragata e lente de matemática da Academia Real de Marinha. Foi-lhe atribuída a quantia de 300\$000¹⁶⁸, para o desempenho das funções.

Para melhor entender a importância desta nomeação para o Observatório considero importante deixar uma afirmação proferida por António Estácio dos Reis: “Começaremos com algumas palavras acerca do seu primeiro diretor, seguramente uma boa escolha, atendendo em especial aos méritos académicos”¹⁶⁹. Esta permite-nos afirmar que a escolha teria sido boa e uma recompensa pelos méritos até então alcançados. Depois de tudo o que Manoel do Espírito Santo Limpo já tinha realizado, enquanto lente (da Academia Real de Marinha e Companhia Real de Guardas Marinhas) e dos contributos que deu com as suas obras para o ensino naval em Portugal acreditamos que esta escolha foi certamente acertada.

Estando resolvida a questão do diretor faltava agora criar condições para pôr o Observatório em prática e ao serviço da Marinha¹⁷⁰. Contudo, desde a sua criação que surgiram as dificuldades: as condições em que o mesmo foi erguido não foram de todo as mais propícias para um observatório com os objetivos para que este foi criado, isto porque as instalações designadas para o Observatório foram, «uma pequena casa com janelas para o sul, construída sobre a grossa e elevada parede do sul da sala do risco, sem condição alguma apropriada ao fim a que se destinava»¹⁷¹. Concluimos então, que a vida do diretor do Observatório Real de Marinha, nos primeiros anos de vida do mesmo não foi nada fácil, no entanto, ele foi sempre uma pessoa bastante crítica, sobretudo, no que toca à necessidade que havia de criar melhores condições para Observatório, nomeadamente, dando-lhe instalações mais adequadas, como podemos observar na transcrição abaixo.

¹⁶⁵ *Ibid.*, Período: 1798-1827, Código de referência: 2406, Localização: 6-III-6-4.

¹⁶⁶ *Ibid.*, Período: 1798-1827, Código de referência: 2406, Localização: 6-III-6-4.

¹⁶⁷ F. Folque, *Relatório acerca do Observatório Astronómico de Marinha*, p. 4.

¹⁶⁸ A.E. dos Reis, *Observatório Real da Marinha*.

¹⁶⁹ *Ibid.*, p. 30.

¹⁷⁰ F. Folque, *Relatório acerca do Observatório Astronómico de Marinha*, p. 4.

¹⁷¹ *Ibid.*

Contra uma tal escolha de casa e local representou logo o referido diretor, indicando todos os inconvenientes que apresentava, e mostrando a absoluta necessidade que havia de se construir em chão firme e elevado com o horizonte espaçoso um edifício com todas as condições próprias de um observatório, e de modo que se pudessem colocar pelo menos um instrumento de passagem e um moral¹⁷².

Apesar das poucas condições que o Observatório Real de Marinha tinha, este não deixou de funcionar e, de tantas inspeções¹⁷³ feitas no Observatório, desde a sua criação até 1810¹⁷⁴, achei interessante dar destaque à inspeção feita «em meados de 1799»¹⁷⁵, pois permite-nos constatar que apesar das fracas condições estruturais, não deixou de se equipar e, no ano em questão, já estaria dotado de um conjunto vasto de instrumentos, tal como indica a tabela seguinte.

Equipamentos	Observações
2 pêndulas	1 proveniente da Academia das ciências 1 destinada à «explicação da carta do Reino» ¹⁷⁶
1 quadrante ¹⁷⁷	Localizado na Academia Real de Marinha
1 sextante de latão ¹⁷⁸	Destinado ao levantamento cartográfico do Reino
3 óculos acromáticos	2 localizados na Companhia Real de Guardas Marinhas ¹⁷⁹ 1 ¹⁸⁰ que, por ordem de Sua Majestade se destinava à explicação da Carta do Reino
2 bússolas azimutais	1 localizada na Companhia Real de Guardas Marinhas

¹⁷² *Ibid.*

¹⁷³ As inspeções realizadas serviam para fazer uma contabilização e discriminação dos instrumentos e material existente no Observatório.

¹⁷⁴ Período de maior relevância para a investigação

¹⁷⁵ A.E. dos Reis, *Observatório Real da Marinha*, p. 33.

¹⁷⁶ *Ibid.*

¹⁷⁷ Quadrante com 1 pé de raio

¹⁷⁸ Sextante com 1 pé de raio

¹⁷⁹ 1 com três pés e meio de raio e outro com 2 pés e meio

¹⁸⁰ Óculos com 2 pés e meio de raio

	1 localizada na Academia Real de Marinha
2 agulhas de marcar	Localizadas na Companhia Real de Guardas Marinhas
1 horizonte artificial	Destinado, por ordem de Sua Majestade, à explicação da Carta do Reino
2 globos ¹⁸¹	Pertencentes à Companhia Real de Guardas Marinhas
2 castiçais de prata	-
1 escrivaninha de prata	-
3 lanternas ¹⁸²	-
1 banca grande	Utilizada para montar óculos ou colocar instrumentos
7 tambores	-
4 mochos	-

Tabela 1 - Instrumentos do Observatório Real de Marinha, em 1799 (após efetuada uma vistoria)¹⁸³

Espirito Santo Limpo, como já referi anteriormente, nunca deixou de lutar pelos interesses do Observatório Real de Marinha, contudo, depois de tantos esforços em vão, este acabou por perder o «ânimo»¹⁸⁴ inicial e, devido às condições em que o Observatório vivia, viu-se obrigado a limitar o exercício do Observatório Real de Marinha a um conjunto reduzido de atividades, tal como é possível observar na seguinte transcrição, retirada do livro de Filipe Folque, *Relatório acerca do Observatório Astronómico de Marinha*. Devemos no entanto valorizar o trabalho realizado pois mesmo com as limitações pelas quais o Observatório passava, todas as atividades que este podia desempenhar fazia com «(...) muito zêlo, regularidade e com a perfeição compatível com os instrumentos de que se podia dispôs; (...)»¹⁸⁵.

¹⁸¹ 1 celeste e outro terrestre

¹⁸² 2 grandes e 1 pequena

¹⁸³ Manoel do Espirito Santo Limpo, *Observatório Real da Marinha*, Arquivo Histórico Militar, p. 34.

¹⁸⁴ F. Folque, *Relatório acerca do Observatório Astronómico de Marinha*, p. 5.

¹⁸⁵ *Ibid.*

Desgostoso e aborrecido de lutar contra quem tão pouco se interessava ou entendia da matéria, perdeu inteiramente o ânimo, e os trabalhos do observatório tiveram de se reduzir às observações dos eclipses do sol e da lua, das ocultações de planetas e estrelas pela lua, dos eclipses dos satélites de Júpiter, à redução ao meridiano de Lisboa de uma das efemérides, que nesse tempo se publicavam, e ao ensino prático dos instrumentos de reflexão e da resolução de problemas de astronomia náutica aos alunos da academia real da marinha e da companhia dos guardas marinhas¹⁸⁶.

As invasões francesas foram talvez um dos momentos mais marcantes na vida do Observatório até ao momento, isto porque, com a assinatura da Convenção Secreta, que ditou a transferência da corte portuguesa para o Brasil, naturalmente houve aos poucos a queda do Observatório Real de Marinha¹⁸⁷.

O Observatório acabaria então por se transferir para o Brasil, ainda que alguns anos depois da corte. Sabe-se que o processo de deslocação do Observatório para o Brasil iniciou-se a 31 de janeiro de 1809, ou seja, sensivelmente um ano antes da sua partida, quando o seu diretor recebeu uma carta para que tratasse de encaixotar o material do Observatório e enviar a respetiva relação de material. Podemos afirmar que morriam aqui quaisquer esperanças do diretor do Observatório de o manter em funcionamento, até porque segundo a relação de material que havia ficado no mesmo seria praticamente impossível manter qualquer atividade (ver tabela 3)¹⁸⁸.

O Príncipe Regente Nosso Senhor He Servido que V. Mercê faça concluir com toda a brevidade a arrumação do Observatório Real da Marinha, na forma que lhe foi determinada: E logo que tudo se achar encaixotado, ou V. Mercê puder calcular o número de caixotes, apresentará relação deles com declaração da grandeza de cada um, ao Secretário do Governo Encarregado do Real Erário, para determinar o Navio em que logo se devarão embarcar¹⁸⁹.

¹⁸⁶ *Ibid.*

¹⁸⁷ *Ibid.*, p. 6.

¹⁸⁸ *Ibid.*

¹⁸⁹ M. do E.S. Limpo, *Observatório Real da Marinha*, p. 34.

Instrumentos	Observações
1 pêndula	-
1 óculo acromático	3 pés e meio de altura
1 barómetro com termómetro	-
1 higrómetro	-
2 sextantes de metal	-
2 octantes de madeira	-
1 agulha azimutal	-
2 horizontes artificiais	-
1 prancheta	-
2 estojos matemáticos	-

Tabela 2 - relação de instrumentos que ficaram no Observatório após a sua partida para o Brasil¹⁹⁰

Neste momento da investigação importa esclarecer duas questões, antes de dar continuidade á história do Observatório:

- sendo o Observatório, tal como já tive oportunidade de referir anteriormente, uma instituição tão importante, por que razão este não foi para o Brasil, em 1807, juntamente com a Corte e com as restantes 15000 pessoas¹⁹¹ que se juntaram a esta?
- Porque é que a Charrua *Princesa Real*, navio onde embarcou o material do Observatório Real de Marinha, só partiu para o Brasil em 1810?

Pois bem, estas duas questões serão respondidas com base nos seguintes livros: *Episódios da Guerra Peninsular*, Volume I, de Rocha Martins e *A Corte de Portugal no Brasil*, de Luiz Norton, ambos consultados

¹⁹⁰ F. Folque, *Relatório acerca do Observatório Astronómico de Marinha*, p. 7.

¹⁹¹ J. Geraldo, *As invasões napoleónicas: desde a ida da Família Real para o Brasil às Linhas de Torres: 1807-1811*, p. 73.

na Biblioteca do Seixal e os documentos avulso relativos à Charrua *Princesa Real*, presentes na Biblioteca Central de Marinha-Arquivo Histórico, cx. 666-3.

Agora acabo de expedir ordem à Real Junta da Fazenda para que mande entregar ao mestre da Charrua *Princesa Real* tudo o que não for relativo a movimentos; não devendo alterar-se a partida estabelecida. O que participo a V. Ex.^a para sua inteligência¹⁹².

(...) Pelas escadarias do Paço arrastam-se os últimos caixões contendo a baixela, livros, os arquivos, as roupas e as armas de luxo¹⁹³.

Sumia-se à hora crepuscular, na tarde daquele dia de 29 de novembro de 1807, uma corte completa – toda a Família Real, ministros, áulicos¹⁹⁴, funcionários públicos, clero, nobreza e povo com alfaias e mobiliário diverso, material das repartições públicas, um arquivo, uma Biblioteca, uma topografia encaixotada, todos os valores públicos e privados¹⁹⁵.

Com o auxílio das transcrições previamente expostas, foi-nos possível tirar essencialmente duas conclusões: a primeira foi que em 1807, partiu para o Brasil a Família Real, juntamente com pessoas de todas as classes sociais que levaram consigo, para além dos seus bens pessoais de maior valor, alguns bens pertencentes ao Erário Público, tais como, «(...) material das repartições públicas, um arquivo, uma Biblioteca (...)»¹⁹⁶ e a última foi que a Charrua *Princesa Real*, tinha a sua data de partida já estabelecida e que esta não sofreu qualquer alteração¹⁹⁷. É claro então que, a partida do Observatório na Charrua *Princesa Real*, já estava planeada e que o suposto era mesmo ser depois da ida da corte.

Resolvidas as questões subjacentes ao Observatório daremos continuidade ao tema da partida do Observatório Real para o Brasil. Como se sabe o seu processo de transição para o Brasil deu início a 31 de janeiro de 1809 com um pedido, feito por carta, ao diretor do Observatório para que se fosse dado início ao encaixotar do material do mesmo. A 13 de março este material é embarcado finalmente, na Charrua

¹⁹² *Charrua Princesa Real*, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico, cx. 666-3.

¹⁹³ Rocha Martins, *Episódios da Guerra Peninsular*, Vol. I., Biblioteca do Seixal p. 40.

¹⁹⁴ «indivíduo que faz parte da corte de um soberano.»

Áulico, <https://dicionario.priberam.org/áulico>.

¹⁹⁵ Luiz Norton, *A Corte de Portugal no Brasil*, Biblioteca do Seixal, p. 29.

¹⁹⁶ *Ibid.*

¹⁹⁷ *Charrua Princesa Real*, cx. 666-3.

Princesa Real, pois existe uma “longa relação de carga assinada pelo 2º TEN Gaspar Plácido de Passos, encarregado do detalhe.”¹⁹⁸ O material embarcou segundo a seguinte organização (ver tabela 4):

Número do Caixote	Instrumentos
1	1 tubo de telescópio de Herschel 1 caixinha e o pé do Teodolito
2	1 pé de Teodolito 3 bússolas Os pés da circular de Borda 2 Teodolitos ¹⁹⁹ 1 Declinatório 1 caixa de barras magnéticas 1 caixa de instrumentos ²⁰⁰ 1 Sextante Várias peças de óculo de passagens
3	1 Quadrante 1 pé de outro Quadrante
4	2 Quadrantes
5	A pêndula de Magalhães
6	Outra pêndula
7	A pêndula Bullock
8	4 óculos acromáticos Os papéis e livros pertencentes à Secretaria
9	1 Globo Celeste
10	1 Circular de Ramsden
11	1 Circular de Throughton

¹⁹⁸ M. do E.S. Limpo, *Observatório Real da Marinha*, p. 59.

¹⁹⁹ 1 deles velho e despachado

²⁰⁰ Utilizada para operações gráficas

12 e 13 ²⁰¹	<p>O livro <i>Táctica Naval</i></p> <p>O livro <i>A Manobra do Navio</i></p> <p>4 Volumes da <i>Astronomia</i> de Lalande</p> <p><i>A Astronomia</i> de Vince</p> <p>Alguns <i>almanacks Ingleses</i> antigos</p> <p>Alguns volumes de <i>Ephemerides</i> antigas portuguesas</p> <p>3 <i>Atlas Celestes</i> de Bode e sua explicação</p> <p>1 maço de chapas²⁰²</p> <p>1 Circular de orda</p> <p>O pé de um Quadrante</p> <p>1 volume do <i>Conhecimento dos Tempos</i></p> <p>1 Quadrante pequeno</p> <p>1 Horizonte Artificial</p> <p>1 Rosa dos Ventos</p> <p>3 Horizontes Artificiais de Líquido</p> <p>2 bússolas pequenas de Engenheiro</p> <p>3 estojos para Operações Gráficas</p> <p>1 Higrómetro</p>
14	1 Quadrante

Tabela 3 - Material do Observatório Real da Marinha que partiu para o Brasil²⁰³

Embarcado o material na Charrua *Princesa Real*, pouco se sabe de preparativos realizados pelo navio até a data da sua partida que esta sim é conhecida.

Em 31 de janeiro de 1810, sob o comando do chefe de divisão Inácio da Costa Quintela, largou para o Brasil com as charruas *Princesa Real*, do comando do capitão-tenente José dos Santos Lopes, guarnição de 680 homens, e *S. João Magnânimo*, do comando do capitão-de-mar-e-guerra António Joaquim de Oliveira²⁰⁴.

²⁰¹ O material destes caixotes pertencia ao Regimento de Sinais

²⁰² Pertencente ao regimento de sinais e à Manobra do Navio

²⁰³ A.E. dos Reis, *Observatório Real da Marinha*, p. 58.

²⁰⁴ Comandante António Marques Esparteiro, *Três séculos no Mar: 1640-1910*, Biblioteca Nacional, p. 162, 5º Volume, II Parte.

O navio teria partida marcada para 31 de janeiro de 1810, pouco mais de meio ano depois de o material ter sido acondicionado na charrua.

A consternação marcaria os meses que antecederam a partida do Observatório para o Brasil. Isto porque, a pessoa que tanto havia lutado pelo Observatório, pela melhoria das condições do mesmo e pelo ensino naval do século XVIII, Manoel do Espírito Santo Limpo falecera a «(...) 29 de Outubro de 1809, morando então na rua da Vinha, freguezia de N. S. das Mercês d'esta cidade (...)»²⁰⁵.

Todavia, a data de 31 de janeiro de 1810 segundo consta não foi alterada e foi houve a necessidade de nomear outra pessoa, o capitão-tenente José dos Santos Lopes para desempenhar as funções de Manoel do Espírito Santo no que concerne a esta missão (transferência do Observatório Real para o Brasil).

Tendo sido informado o Exmo. Snr. Almirante Barão d'Arruda de que os volumes pertencentes ao Observatório Real da Marinha, que estavam embarcados em a Charrua Princesa Real, se não acham entregues a quem particularmente cuide da sua arrecadação, por ter falecido o diretor do mesmo Observatório, Manoel do Espírito Santo Limpo que estava disso encarregado; determino de V.Sa dê as providências necessárias para acautelar qualquer desordem, que possa haver a este respeito²⁰⁶.

²⁰⁵ I.F. da Silva, *Diccionario bibliográfico portuguez : estudos de Innocência Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*, p. 412.

²⁰⁶ *Documentos referentes ao espólio da familia «Moniz da Maia» (Almirante Ramirez Esquivel)*, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico, Cota 6-XXV-6-3, Carta enviada de António Ramiro Esquivel para Inácio da Costa Quintela.

Capítulo 3 – A obra de Manoel do Espírito Santo Limpo

Manoel do Espírito Santo Limpo desde tenra idade se mostrou interessado pela Matemática e o seu percurso é bem demonstrativo disso. Em Olivença, terra onde nasceu, aprendeu matemática²⁰⁷, ingressa no curso de Matemática, na Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, concluindo o mesmo em 1885²⁰⁸. Ainda antes, entre 1775-1778, quando esta a prestar serviço no Regimento de Artilharia do Porto, dá lições de Matemática, na Escola de Artilharia aí presente.

O seu percurso pela Matemática culmina com a sua passagem pela Academia Real de Marinha e Companhia Real de Guardas Marinhas, que começou em 1787. Aqui este sempre demonstrou a sua ambição clara de contribuir para a formação dos militares da Marinha e civis da Marinha Mercante, ambição que culminou no espólio de obras que este escreveu e que eram autênticos manuais de Tática e de Manobras.

A sua primeira obra foi publicada em 1791, 4 anos depois de ter sido nomeado para lente substituto da Academia Real de Marinha, este que acreditamos ser o momento mais marcante na vida de Manoel do Espírito Santo Limpo, pois aqui ele estaria na posição de alterar o rumo das coisas, nomeadamente, controlando a formação de quem passasse pelas suas cadeiras. Depois disso teve a ascensão natural na Academia e seguiu-se a publicação das suas obras que, como vamos poder observar, apesar de poucas, foram obras de grande importância para a época, tanto pela informação vertida em cada uma, bem como, pela informação disponibilizada, em língua portuguesa, o que não era muito comum para a altura que este senhor escreveu as mesmas.

Como tal, neste capítulo tentarei fazer um levantamento das obras escritas por Espírito Santo Limpo, bem como, analisar quais os contributos que estas tiveram para as Academias em que deu aulas²⁰⁹ e para Portugal. O grande desafio que se levanta na execução do levantamento é efetuar uma divisão e organização adequada. Por forma a efetuar este levantamento, realizei essencialmente uma pesquisa na Biblioteca Nacional de Portugal onde aí, tive a possibilidade de recolher a quase totalidade das obras²¹⁰, posteriormente, na Academia Real das Ciências de Lisboa, foi-me possível ter contacto com a obra em falta (*Memória sobre o estabelecimento da quinta ordem de marcha por haver alterado o vento*). Chegámos,

²⁰⁷ Vários, *Processo da Inquirição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, p. 32.

²⁰⁸ *Carta de curso de Manoel do Espírito Santo Limpo*.

²⁰⁹ Academia Real de Marinha e Companhia Real de Guardas Marinhas.

²¹⁰ Na Biblioteca Nacional de Portugal foi-me possível aceder a 4 das 5 obras de Manoel do Espírito Santo Limpo, tendo a última sido consultada na Academia Real das Ciências de Lisboa.

então, à conclusão de que o espólio de obras de Manoel do Espírito Santo Limpo não é muito vasto, contando com os seguintes quantitativos: 3 livros (1 deles uma tradução de um livro inglês de João Clerk) e 2 memórias (1 publicada na ACL e outra no *Jornal Encyclopedico de Lisboa*). Contudo, a riqueza da sua obra vai para além da quantidade, isto porque, os livros que ele escrever foram «revolucionários» para a época.

Após efetuado o levantamento, restava-nos efetuar uma análise das obras que nos permitisse então detetar e dividi-las por áreas de interesse. Do trabalho de investigação tido em conta resultaram, então, três áreas distintas: Navegação, Matemática e Tática Naval. Contudo, parece-me que, apesar de as obras não estarem diretamente ligadas entre si, existem alguns pontos de ligação entre elas.

O destaque que Manoel do Espírito Santo Limpo ganha com estas obras é muito, isto porque, no século XVIII e inícios do século XIX, os livros de Navegação e Tática Naval estavam escritos noutras línguas e, muitas das vezes, as ideias estavam dispersas por mais do que um livro, e foi aqui que Espírito Santo Limpo quis marcar a diferença, compilando as ideias que considerava importantes, tendo em conta a Marinha Portuguesa da altura, num só livro, poupando assim os seus discípulos de divagarem por vários livros e de, assim, não perderem tempo desnecessariamente.

3.1. Relação entre as suas obras

Todas as obras escritas por Manoel do Espírito Santo Limpo tinham um propósito que o próprio enuncia: «(...) o interesse que tenho no aproveitamento dos nossos discípulos (...)»²¹¹. Não nos podemos esquecer que a altura em que todas as obras foram escritas, final do século XVIII, coincidia com a «expulsão das luzes» em Portugal.

Isto para dizer que, com o Iluminismo a surgir em Portugal, mudaram-se algumas mentalidades, nomeadamente, na Marinha. Apartir desta altura, e com o contributo de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que foi um dos grandes impulsionadores das ciências em Portugal²¹², a Marinha começou a pensar de outra forma a formação dos seus Oficiais, defendendo a ideia de que estes deveria ser pessoas capazes de dominar a Matemática e a Geometria, que seriam as cadeiras fundamentais para depois serem os melhores nas restantes áreas.

Ao dominar a Matemática e Geometria, facilmente dominariam a Artilharia e Manobras do Navio; que os conduziria ao grande objetivo final, dominar a Tática e toda a complexidade inerente a esta,

²¹¹ M. do E.S. Limpo, *Noções de Manobra do Navio*.

²¹² «D. Rodrigo de Sousa Coutinho».

nomeadamente, por terem de combinar a Marinharia, pois os navios naquele tempo eram governados a vela, e a Artilharia, principal arma de combate dos navios.

Neste sentido, Manoel do Espírito Santo Limpo, no meu entender veio dar um contributo enorme. Após analisadas todas as suas obras, conseguimos chegar a uma possível ligação entre elas e, também, comprovar alguns factos afirmados no parágrafo anterior.

O primeiro facto que nos saltou logo à vista foi a questão da formação dos oficiais, isto porque, em grande parte das suas obras ele refere que essas obras seriam para o ensino dos seus discípulos, contudo, acreditamentos que ele não se estivesse a referir apenas aos alunos a quem ele ensinava, mas sim, de uma forma mais global, ao futuro oficial de mar²¹³.

Tem como primeira obra escrita a *Reflexão sobre a aplicação das Matemáticas à Tática*. Segundo o autor entender a matemática é meio caminho, para entender a Tática e Navegação. Só depois de deixar uma obra que explicasse, matematicamente, alguns passos importantes para as duas áreas anteriormente referidas é que sentia que «os seus discípulos» estariam aptos, para o passo seguinte, aprender as Manobras do Navio e Tática Naval. É neste sentido que surgem, posteriormente, as restantes obras. Primeiro com as *Noções de Manobra do Navio*, que rapidamente percebemos é como um «dicionário» naval, onde são explicados conceitos diversos, desde os mais simples como a diferença entre barlavento e sotavento, até aos mais complexas como as velas, os ângulos de leme e a influência do pano na velocidade do navio.

Segundo o autor para se entender qualquer tática ou ordem é necessário primeiro perceber como é que os navios reagem e qual a melhor forma de maximizar a velocidade do navio, jogando por exemplo, com as velas e com o vento, alguns dos exemplos abordados na sua segunda obra.

Posteriormente, parece-nos que com as suas primeiras obras Espírito Santo Limpo abriu o caminho para apresentar as suas restantes obras, primeiro o *Principios de Tactica Naval* e, posteriormente, o *Ensaio de Tactica Naval* onde são abordados temas mais complexos e, de certo modo, inovadores para Portugal. Com estas obras o autor, procura assim criar as condições possível para melhorar a formação dos futuros oficiais da marinha, deixando, com o *Principios de Tactica Naval*, uma série de manobras e ordens para atacar o inimigo e, com o *Ensaio de Tactica Naval*, um conjunto de exemplo de grandes guerras navais, com a especificidade de serem apenas guerras pós uso da Artilharia a bordo dos navios.

²¹³ Manoel do Espírito Santo Limpo, *Principios de Tactica Naval*, Biblioteca Nacional, Typografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1796.

Pode também ser feita alguma especulação, nomeadamente, na relação entre a data de publicação das obras e os tempos que se viviam no reino. Ao analisar as datas de publicação das suas duas últimas obras (1797 e 1801) é nos possível dizer que, para além da clara intenção da melhor formação dos Oficiais para a Marinha, poderia haver uma segunda motivação relacionada com o facto de, em Portugal, pairarem notícias publicadas, nomeadamente, na *Gazeta de Lisboa*, de uma possível guerra com França que, como tivemos já tivemos oportunidade de observar, acabou mesmo por acontecer, em 1807.

3.2. Navegação

Conforme analisado anteriormente, a Navegação foi uma das áreas em que Manoel do Espírito Santo Limpo se destacou. Como é sabido, foi lente da cadeira de Navegação da Academia Real de Marinha e, nessa condição, foi, por exemplo, o responsável pela autorização concedida ao regente da cadeira de 3º ano da cadeira de Astronomia para poder alterar os feriados por forma a que as Observações Astronómicas fossem realizadas na altura mais adequada²¹⁴.

Sendo a navegação uma das áreas em que se destacou, naturalmente que foi também uma das áreas em que ele queria deixar a sua marca, sobretudo, para os seus alunos que sempre foram a sua principal preocupação. Para tal, nesta área escreveu a obra *Noções de Manobra de Navio*, publicada em 1793.

O presente compêndio contém ideias de manobra do navio, que julguei indispensáveis a um discípulo da Academia Real de Marinha quer ele se destine para a Marinha Real quer para a Mercantil. Eu não fiz mais do que extrair as ditas ideias dos livros de Bourguer, Bourdé, Rome, e outros, e pô-las em vulgar, sem esperança alguma de glória e sem outro intento mais do que o de poupar aos discípulos da Academia o trabalho de divagar pelos mencionados livros e de resumirem em breve e fácil sistema as sobreditas ideias. E considero que este compendio convinha ser explicado na Aula do terceiro ano da mesma Real Academia a duas classes de discípulos, uns que se sujeitão a estudar o curso inteiro de Marinha, outros que se destinando para Pilotos de Navios mercantes só são obrigados a dar conta das matérias que se ensinam no primeiro e terceiro ano do mesmo curso, omiti as demonstrações de algumas regras de prática por me parecerem sobre maneira fáceis para os primeiros, e fora do alcance dos segundos. Esta mesma consideração e obrigou a ser breve talvez mais do que eu quisera, pois sobre serem vastas as matérias do terceiro ano essa tarefa

²¹⁴ Manoel do Espírito Santo Limpo cx. 5.

e para os discípulos darem-se ao exercício de observações, e dos cálculos correspondentes no curto tempo de um ano letivo²¹⁵

Depois de analisar o que o próprio escreveu no prefácio da obra chegamos à conclusão que esta não era, nada mais nada menos, do que a compilação de termos e noções navais relacionadas com a *Manobra do Navio*, neste caso estamos a falar de 57 pontos, que vão desde termos navais mais simples, tais como, o que é o barlavento ou sotavento²¹⁶, até questões mais complexas, tais como, qual a inclinação de leme ideal para se atingir velocidades máximas²¹⁷ ou qual a posição ideal da vela redonda para dar ao navio a velocidade máxima²¹⁸. Considero também importante destacar que esta obra tem uma seção dedicada a problemas, para por à prova os seus discípulos. São 10 perguntas com solução em que os alunos, em particular, tinham possibilidade de testar os seus conhecimentos relativamente aos assuntos tratados.

Não foi, outra vez digo, a vangloria o que me moveu a empreender este ténue trabalho, foi sim o interesse que tenho no aproveitamento dos nossos discípulos, e o desejo de imitar quanto em mim cabe o incansável zelo do ilustríssimo e excelentíssimo Senhor Martinho de Melo e Castro, Inspetor Geral da Marinha, que tem promovido eficazmente e não cessa de promover o adiantamento da Marinha Portuguesa²¹⁹.

Espírito Santo Limpo, de forma muito humilde, transparece que estaria de corpo e alma na Academia Real de Marinha e Companhia Real de Guardas Marinhas, e que o que para ele o que mais interessava era o «(...) aproveitamento dos nossos discípulos (...)»²²⁰. De qualquer forma, parece-me que a glória deste senhor é inevitável, nem que seja pela entrega que empregou sempre, em qualquer função que desempenhou.

²¹⁵ M. do E.S. Limpo, *Noções de Manobra do Navio*, p. 3.

²¹⁶ *Ibid.*, p. 5.

²¹⁷ *Ibid.*, p. 14.

²¹⁸ *Ibid.*, p. 26.

²¹⁹ M. do E.S. Limpo, *Noções de Manobra do Navio*.

²²⁰ *Ibid.*

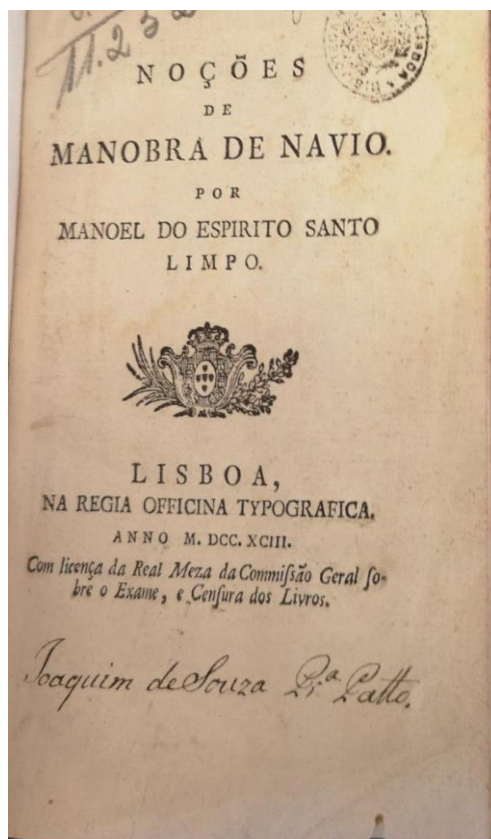


Figura 2 - Noções de Manobra de Navio

3.3. Matemática

A Matemática foi a área em que Manoel do Espírito Santo Limpo se formou e, por isso, é quase inevitável falar dela. Ainda que não tenha sido uma área em que ele se tenha focado diretamente, tem de ser destacada pois, em todas as obras existem questões matemáticas inerentes, um bom exemplo disso são as representações das manobras que são efetuadas à base da geometria.

A única obra que aborda diretamente a Matemática e que foi também a primeira obra escrita por ele, segundo conseguimos apurar, foi uma memória escrita para o *Jornal Encyclopedico de Lisboa*, chamada *Reflexões sobre a applicação das Mathematicas a Tactica*. Nesta memória, Espírito Santo Limpo explica quais os objetivos das leis da Tática e a relação que estas têm com os movimentos matemáticos (representados por linhas), conforme podemos confirmar na seguinte transcrição da obra.

As leis da tática têm por objetivo por em ação conveniente a tropa e movê-la conforme as circunstâncias em ocasião de combate. Estes fins se conseguem: exercitando cada individuo a marchar a passo de igual tamanho e duração; a fazer a direita e a esquerda, e as meias voltas de um e outro lado; a carregar, apontar e disparar com prontidão; a apresentar a baioneta velozmente, executando tudo sem pôr em contração os músculos com o fim inútil de fazer os movimentos airosos e engraçados; habituando os corpos de tropa a marcharem juntos rapidamente a passo igual, sem derivações; a fazerem quartos de

conversão; a dobrar e desdobrar: de maneira que possa a tropa ser suscetível da solidez, divisibilidade e flexibilidade, que exigirem as circunstâncias.²²¹

Depois de analisada a obra cheguei à conclusão de que toda ela é uma explicação, através de fórmulas matemáticas, dada pelo autor à sua própria afirmação: «(...) Todos os movimentos referidos podem ser representados por linhas: são logo suscetíveis de considerações geométricas e da aplicação do cálculo (...)»²²².

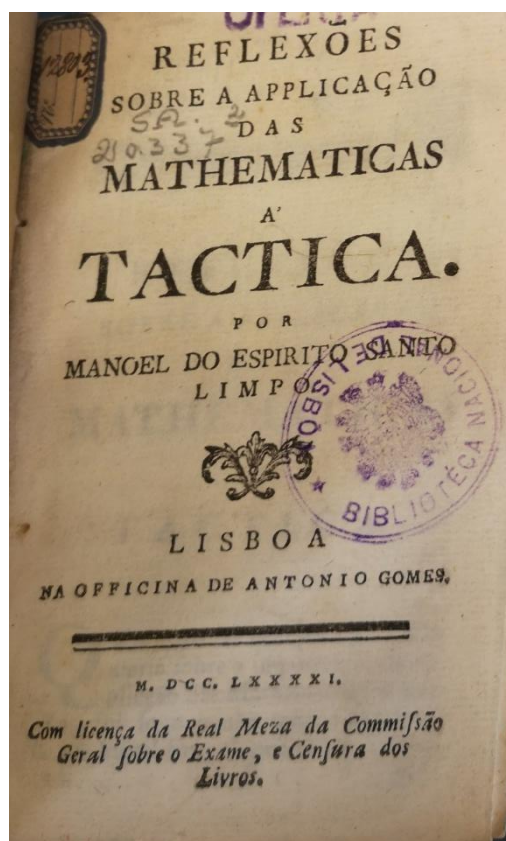


Figura 3- Reflexões sobre a aplicação das mathematicas a tactica

3.4. Tática Naval

A Tática Naval foi, a par das outras áreas já referidas, uma das áreas em que Manoel do Espírito Santo Limpo se destacou. Não sabendo qual das áreas foi aquela em que ele mais se destacou, por não haver nada em concreto que nos leve nesse sentido, podemos especular e dizer que esta terá sido aquela em que teve mais destaque, isto porque, também foi aquela em que ele mais obras publicou. Para o seu espólio de obras referentes à Tática Naval contamos com 2 livros e 1 memória. Os livros foram publicados

²²¹ Manoel do Espírito Santo Limpo, *Reflexões sobre a aplicação das matemáticas à Tática*, Biblioteca Nacional, 1791.

²²² *Ibid.*

em 1796 e 1801, com os títulos *Princípios de Tática Naval e Ensaio de Tática Naval*, consecutivamente. A memória, com o nome *Memória sobre o estabelecimento da Quinta Ordem de Marcha por haver alterado o Vento*, foi publicada na ACL e, segundo a informação que consegui recolher foi a última obra escrita por Manoel do Espírito Santo Limpo.

Eu me limito no presente compendio a dar ideias exatas de tática naval atual, a qual se acha cm pouca diferença no mesmo estado em que a puseram e praticaram, depois da invenção da Artilharia e da bússola o de lask, Herber, Ruitter; tromp, Quesne, Chateurenaul, ..., seus inventores deixando a outros o trabalho de completar e corroborar o novo sitema do Visconde de Geremier sobre a Arte da Guerra no mar.

Os *Princípios de Tática Naval*, a primeira obra de Tática escrita por Espírito Santo Limpo, contempla um conjunto de ideias exatas de Tática Naval atual. Esta obra, inicialmente, teria sido escrita para sua instrução pessoal, contudo, considerando que não havia nada escrito em português desta natureza, Espírito Santo Limpo, decidiu, pegar no que tinha escrito e aperfeiçoá-lo, para que daí, resultasse alguma passagem de conhecimento para os seus discípulos.

Determina a Academia Real das Ciências, que os *Princípios de Tática Naval*, que o seu sócio correspondente Manoel do Espírito Santo Limpo lhe apresentou, e que foram julgados mui dignos de se publicar, sejam impressos à custa da Academia, e debaixo do seu privilégio²²³.

Segundo a transcrição acima, referente a uma ata de António Caetano do Amaral, Secretário Interino da Academia Real das Ciências de Lisboa, chegamos rapidamente à conclusão de que a obra anteriormente referida, terá sido publicada pela respetiva academia que ficou responsável por todos os custos inerentes à publicação da obra.

²²³ M. do E.S. Limpo, *Principios de Tactica Naval*.

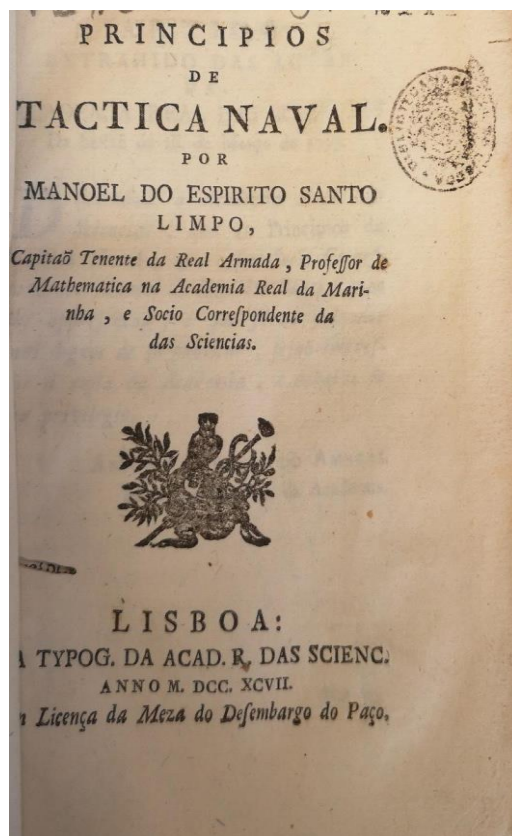


Figura 4 - Principios de Tactica Naval

Havendo já no idioma Rudimentos de Tactica Naval, que habilitaõ os alumnos da Academia Real de Marinha para entenderem as Evoluções Navaes, careciamos ainda da analyse das Batalhas mais célebres, depois do uso da Artilharia a bordo dos navios de guerra, sem a qual se não pode formar o perfeito Official do mar e muito menos o Official General. V.A.R., por aquele paternal zelo com que attenta tudo que pode concorrer, para a felicidade dos seus fiéis vassallos, e levar a sua Marinha Real ao ponto de perfeição e estado mais respeitável, logo que lhe foi presente que no Ensaio de Tactica Naval de Joaõ Clerk se satisfaz completamente o taõ objeto, e que nelle se demonstra a vantagem de novos methodos de atacar o inimigo, foi servido ordenar que se fizesse a tradução de taõ digna Obra; a qua tradução, feita por pessoa menos versada no nosso idioma, me foi dirigida, de Ordem de V.A.R. para que, corregindo-a, a pozesse em termos de se dar no prelo. (...)²²⁴

O livro *Ensaio de Tática Naval*, segundo livro de Espirito Santo Limpo que abordava os conteúdos de Tática Naval e que era uma tradução do livro escrito por Jonh Clerk, foi elaborado com o objetivo de complementar os “Rudimentos de Tática Naval”, que já havia em português e que habilitavam «(...) os

²²⁴ Manoel do Espirito Santo Limpo, *Ensaio de Tactica Naval*, Biblioteca Nacional, Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

alunos da Academia Real de Marinha para entenderem as Evoluções Navaes (...)»²²⁵. Este livro contém um conjunto de novos métodos de atacar o inimigo e uma série de exemplos de grandes guerras da história mundial, analisadas pelo autor.

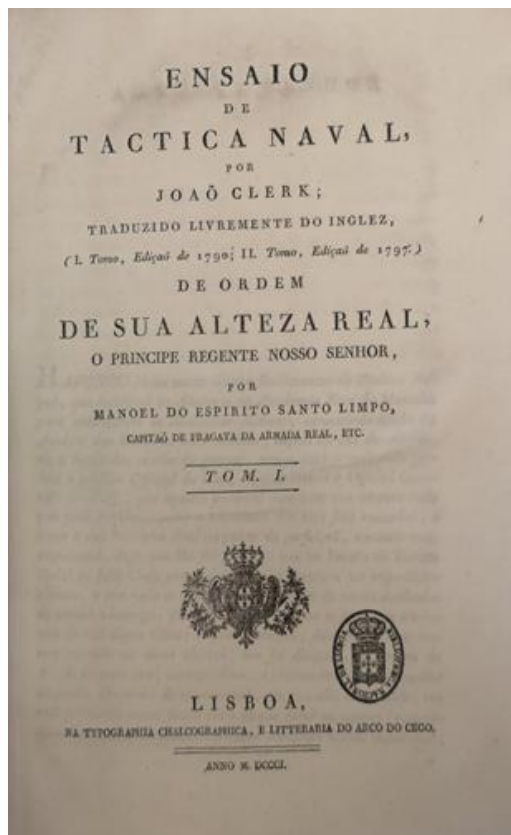


Figura 5 - Ensaio de Tactica Naval

²²⁵ *Ibid.*

Conclusão

Ao realizar a dissertação de mestrado tínhamos como principal objetivo dar a conhecer a vida e obra de Manoel do Espírito Santo Limpo, destacando quais foram os principais contributos deste e onde.

Não tendo conhecimento de quem seria Espírito Santo Limpo, antes de criar uma metodologia de investigação, foi necessário inicialmente investigar por alto quem tinha sido o nosso biografado. Esta fase foi realizada na Biblioteca Central de Marinha-Arquivo Histórico, onde através dos *Livros Mestres* e de documentos avulso referentes a Manoel do Espírito Santo Limpo nos foi possível começar a delinear que informação seria necessário investigar bem como os locais onde teríamos de investigar.

Gostaríamos de salientar a importância desta fase, para a realização da restante investigação. Aqui foi-nos possível questionar certos acontecimentos da vida de Manoel do Espírito Santo Limpo que nos documentos aqui presentes se encontravam pouco explícitos e que nos levou posteriormente a realizar a investigação noutros locais.

O segundo capítulo, *A vida de Manoel do Espírito Santo Limpo*, trouxe-nos aquela que acreditamos ser a única grande dificuldade inerente à investigação desenvolvida. O facto de Manoel do Espírito Santo Limpo ter nascido em Olivença, que a partir de 1801, passou a fazer parte de território espanhol²²⁶, limitou a aquisição de alguns dados relacionados com a sua vida na terra natal, tais como, o registo paroquial, informações relacionadas com as suas raízes. Não tendo sido possível conciliar o tempo disponível com uma eventual deslocação a Badajoz, limitamo-nos a fazer algumas conjeturas em relação a questões diversas neste âmbito.

Neste sentido, na tentativa de entender se de facto existiam alguns documentos referentes ao nosso biografado em Olivença enviamos uma mensagem por correio eletrónico para o arquivo em questão onde obtivemos resposta do seu diretor, Luis limpo, afirmando que de facto existiam ai documentos. Contudo, devido a algumas limitações não nos foi possível tal deslocação. No entanto, consideramos que esta referência é importante para que outras pessoas que queiram dar continuidade à investigação possam fazê-lo já com a noção de que em Espanha poderão encontrar informação que poderá acrescentar algo mais ao que se apresenta nesta dissertação de mestrado.

Outra dificuldade, esta normal na realização deste tipo de investigações, está ligada à atribulada vida do nosso biografado. A necessidade de compreender a relação entre dois acontecimentos da sua vida: a aprovação para ir estudar para a Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra (1773) e o

²²⁶ A. de Olivenza, «Breve historia de Olivenza».

alistamento no Exército (1775). Isto obrigou-nos a ir ao AHUC onde acedendo às *Matrículas* de Manoel do Espírito Santo Limpo e à *Carta de curso de Manoel do Espírito Santo Limpo*, conseguimos descobrir um dado importante para dar o passo seguinte na investigação: Espírito Santo Limpo não fizera o curso de forma contínua, iniciou o curso em 1773, no entanto, só o concluiu em 1783. Faltava-nos neste momento entender o porquê do nosso biografado ter interrompido os estudos para se alistar no Exército. Depois de analisada a informação disponível descobrimos que este o teria feito. «(...) contra a vontade de seos Pays, unicamente por inclinação própria e dezejos do seo addiamento naquele (... ilegível ...) (...)».

Da análise deste capítulo foi nos possível retirar as seguintes conclusões. Manoel do Espírito Santo Limpo veio viver para Coimbra, onde ingressou no curso de matemática, na Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, em 1773. Em 1775, por se encontrar em idade para cumprir o serviço militar obrigatório, alistou-se ao Exército e foi colocado no Regimento de Artilharia do Porto. Durante o período em que estava a cumprir serviço nesse regimento foi acusado e condenado pelo Santo Ofício da Inquisição de Coimbra, no entanto, tal facto não foi impedimento para que este concluísse com sucesso o curso²²⁷, que fosse devidamente empregado e que fosse distinguido.

Dois anos após concluído o seu curso, foi nomeado lente substituto da Academia Real de Marinha, tendo se mantido na referida academia durante o resto da sua vida. A sua importância para a Marinha e para Portugal, vai mais para além das funções de lente que desempenhava. Espírito Santo Limpo era um homem bastante interessado pela formação e que tentou participar numa melhor formação para os Oficiais da Marinha. Neste sentido, o nosso biografado começa a escrever os seus livros que tinham todos um objetivo definido pelo mesmo.

Uma das mais importantes funções desempenhadas por Manoel do Espírito Santo Limpo, para além de todas as outras anteriormente referidas foi o de primeiro diretor do Observatório Real de Marinha. Espírito Santo Limpo assistiu ao nascimento e aos primeiros anos de vida do observatório e foi sempre uma pessoa bastante lutadora pelos interesses do mesmo e pelos interesses dos alunos que aí faziam as suas observações.

Aquando da pesquisa relacionada com o observatório deparámo-nos com algumas questões duvidosas que seriam necessárias esclarecer. Com o desenvolver da investigação começamos a perceber que o Observatório Real de Marinha não teria ido logo para o Brasil em 1807 juntamente com a Família Real, mas sim mais tarde, em 1810. Contudo, não percebíamos o porquê de o observatório ter ido mais

²²⁷ Concluiu o curso em 1785

tarde sendo uma instituição tão importante para o reino. Para achar resposta para esta questão recorreremos essencialmente da bibliografia presente na BS e no documento avulso *Charrua Princesa Real* da Biblioteca Central de Marinha-Arquivo Histórico, pois permitiu-nos de forma clara entender que existiam já material definido para ir para o Brasil em 1807 e que não incluía o observatório e, ao mesmo tempo, que a partida do Observatório Real de Marinha na Charrua *Princesa Real* já tinha uma data previamente definida.

Manoel do Espírito Santo Limpo falece a 29 de Outubro de 1809²²⁸, deixando por completar a sua missão, a de navegar com os instrumentos do seu Observatório até ao Brasil. Contudo esta missão não seria deixada a meio e foi nomeado para desempenhar estas funções Inácio da Costa Quintela²²⁹.

Depois de expostas as conclusões retiradas da nossa investigação, resta-nos destacar os pontos que ainda poderão ser aprofundados e investigados acerca de Manoel do Espírito Santo Limpo. Sendo esta a primeira investigação sobre o biografado, naturalmente, que existe muita informação em falta e outra que pode ser aprofundada. Neste sentido, consideramos que este será um bom ponto de partida para quem queira ir mais longe.

Depois de todo este trabalho de investigação conseguimos fazer uma análise de quem foi Manoel do Espírito Santo Limpo. Este foi alguém com interesse notório pela Matemática, que mesmo com as acusações de que foi alvo nunca desistiu, ou seja, era uma pessoa lutadora. Batia-se pelos interesses da coroa e sentia-se no dever de passar os seus conhecimentos aos alunos que passavam por si e não só. Através das suas obras quis deixar o seu legado escrito para que todos pudessem usufruir dos seus ensinamentos, uma vez que estas obras se encontram bem estruturadas e de fácil leitura. Foi um homem das ciências que teve um papel fundamental para a Marinha, participando diretamente na formação do «perfeito Oficial do mar»²³⁰, tanto na Academia Real de Marinha e Companhia Real de Guardas Marinhas, enquanto lente como com o seu espólio de obras.

Após apresentada a vida de Manoel do Espírito Santo Limpo faltava-nos analisar as suas obras. Para tal utilizámos como principais meios de consulta a Biblioteca Nacional de Portugal e a Academia Real das Ciências de Lisboa. Para esta análise destacamos como principal vantagem o facto de Espírito Santo Limpo não contar com um número muito elevado de obras escritas permitiu-nos abordá-las a todos, e assim ter uma melhor noção da ligação entre elas.

²²⁸ I.F. da Silva, *Diccionario bibliográfico portuguez : estudos de Innocência Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*, p. 412.

²²⁹ C.A.M. Esparteiro, *Três séculos no Mar: 1640-1910*, p. 162, 5º Volume, II Parte.

²³⁰ M. do E.S. Limpo, *Ensaio de Tactica Naval*.

Percebemos ao analisar as suas obras que ele é um defensor da teoria de que a Matemática é o primeiro passo para se entender as manobras e a navegação. Acreditamos, por isso, que esta tenha sido a razão para que a sua obra *Reflexões sobre a aplicação das mathematicas à Tactica* tenha sido a primeira a ser escrita. Seguem-se depois outras obras importante e que refletem no fundo a grande explosão das ciências em Portugal no século XVIII.

Parece-nos também importante destacar que as suas obra têm o intuito de formar, formação esta que não se limitava apenas aos seus discipulos como o próprio diz, apesar de com a leitura das suas obras se poder ficar com a ideia que o objetivo seria formar os seus alunos, parece-nos que o objetivo é muito mais amplo: formar bons Oficiais de Marinha.

Com a chegada do Iluminismo a Portugal veio a mudança. Na Marinha esta mudança registou-se, por exemplo, na alteração da forma com eram vistos os Oficiais de Marinha e a sua formação, dando se mais importância aos conhecimentos que estes deveriam ter em áreas como: Matemática, Astronomia, Geometria, Manobra e Tática Naval.

Manoel do Espírito Santo Limpo foi, nesta época uma pessoa importante pois fez chegar aos futuros oficiais os conhecimentos necessários sobre áreas tão importantes como Navegação e Tática Naval, isto tudo, numa altura que no reino pairavam notícias de um muito provável conflito com França e onde seria necessário ter os militares o mais bem formados possível. Aqui na nossa opinião, parece-nos que Manoel do Espírito Santo Limpo teve um papel importante, pois após a leitura das suas obras ficamos com a ideia que, de facto, beneficiaram a formação militar da época, sendo algumas delas inclusive novas para a época, com conteúdos que nunca antes teriam sido apresentados e língua portuguesa.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

MANUSCRITAS

Carta de curso de António Paulino Limpo de Abreu, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Carta de curso de Manoel do Espírito Santo Limpo, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Charrua Princesa Real, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Cx.115, Biblioteca Central de Marinha.

Livro Mestre nº 379, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Livro Mestre nº 380, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Livro Mestre nº 381, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Livro Mestre nº 386, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Livro Mestre nº 2462, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Livro de Registo de Ordens e avisos relativos ao Real Observatório da Marinha, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Manoel do Espírito Santo Limpo, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Matriculas 1773-1774, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Matriculas 1774-1775, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Matriculas 1783-1784, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Matriculas 1815-1816, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Processo de Manoel do Espírito Santo Limpo, Academia Real das Ciências de Lisboa.

IMPRESSAS

«Alvará de 4 janeiro de 1790», *Legislação Portuguesa*.

«Decreto de 5 de agosto de 1779», *Legislação Portuguesa*.

«Decreto de 25 de agosto de 1779», *Legislação Portuguesa*.

«Decreto 14 dezembro de 1782», *Legislação Portuguesa*.

«Decreto de 1 de julho de 1791», *Gazeta de Lisboa*.

«Decreto de 12 de dezembro de 1791», *Legislação Portuguesa*.

«Decreto de 13 de dezembro de 1791», *Legislação Portuguesa*.

«Decreto de 18 de dezembro de 1792», *Gazeta de Lisboa*.

LIMPO, Manoel do Espirito Santo, *Ensaio de Tactica Naval*, Biblioteca Nacional, Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

LIMPO, Manoel do Espírito Santo, *Noções de Manobra de Navio*, Biblioteca Nacional, 1793.

LIMPO, Manoel do Espirito Santo, *Principios de Tactica Naval*, Biblioteca Nacional, Typografia da ARCL, 1796.

LIMPO, Manoel do Espirito Santo, *Reflexões sobre a aplicação das matemáticas à Tática*, Biblioteca Nacional, 1791.

BIBLIOGRAFIA

NORTON, Luiz, *A Corte de Portugal no Brasil*, Biblioteca do Seixal.

SILVA, Jorge Manuel Moreira, *A Marinha de Guerra Portuguesa desde o Regresso de D. João VI a Portuga e o Início da Regeneração (1821-1851)*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, s.l.

HENRIQUE, Mendo Castro, *A transferência da Capital e da Corte para o Brasil*, Biblioteca da Escola Naval, Tribuna.

Antônio Paulino Limpo de Abreu, http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/presidentes/antonio_abreu1.html, consulté le 20 de Junho de 2019.

GERALDO, José, *As invasões napoleónicas: desde a ida da Família Real para o Brasil às Linhas de Torres: 1807-1811*, Biblioteca Nacional, 2011.

Áulico, <https://dicionario.priberam.org/áulico>.

OLIVENZA, Ayuntamiento de, *Breve historia de Olivenza*,

- <http://www.ayuntamientodeolivenza.com/olivenza/breve-historia-de-olivenza/>, consulté le 18 de Junho de 2019.
- Breve história da Inquisição em Portugal*, <http://ensina.rtp.pt/artigo/breve-historia-da-inquisicao-em-portugal/>, consulté le 19 de Junho de 2019.
- MACHADO, Montalvão, *Causas de morte dos reis portugueses*, Biblioteca Nacional.
- SANTOS, Horácio Madureira dos, *Catálogo dos decretos do extinto Conselho de Guerra*, IV., Biblioteca Nacional
- Charrua Princesa Real*, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.
- MORAES, António Joaquim de, *Cópia do Decreto de D. Joao VI, principe Regente*, Arquivo Histórico Militar.
- BEIRÃO, Caetano, *D. Maria I*, Biblioteca Nacional.
- D. Rodrigo de Sousa Coutinho*, <http://www.arqnet.pt/dicionario/linhares1m.html>
- Documentos referentes ao espólio da família «Moniz da Maia» (Almirante Ramirez Esquivel)*, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.
- SILVA, Innocêncio Francisco da, *Diccionario bibliográfico portuguez: estudos de Innocêncio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*, V., Biblioteca Central de Marinha.
- MARTINS, Rocha, *Episódios da Guerra Peninsular*, Vol. I., Biblioteca do Seixal.
- VÁRIOS, , *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 13.^a ed., Biblioteca do Seixal.
- VÁRIOS, , *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 2.^a ed., Biblioteca do Seixal.
- BETHENCOURT, Francisco, *História das Inquisições*, Biblioteca da Escola Naval.
- BRASÃO, Eduardo, *História diplomática de Portugal*, I., Biblioteca Nacional.
- VÁRIOS, , *História da Escola Naval*, s.l SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, VI., s.l.
- SILVA, Ana Rosa Clochet da, *Inventando a Nação*, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, s.l.
- FILIFE, Frei Filipe de Santiago, *Inquisição de Lisboa*, s.l., 1774.

- CORREIA, Arlindo, *Processo de José Anastácio da Cunha*, <http://arlindo-correia.com/180410.html>.
- ACADEMIA MILITAR, , *Resenha Histórica*, <https://academiamilitar.pt/sobre-a-am/historia-e-patrimonio.html>.
- BEIRÃO, Caetano, *D. Maria I*, Biblioteca Nacional.
- BRASÃO, Eduardo, *História diplomática de Portugal*, I., Biblioteca Nacional.
- CONGRESSO INTERNACIONAL E INTERDISCIPLINAR EVOCATIVO DA GUERRA PENINSULAR, LISBOA, 2007;
COLÓQUIO DE HISTÓRIA MILITAR : NOS 200 ANOS DAS INVASÕES NAPOLEÓNICAS EM PORTUGAL, 17, LISBOA, 2007, CO-AUTOR; SOUSA, MARIA LEONOR MACHADO DE, 1932-, ed. lit., *A GUERRA PENINSULAR : PERSPECTIVAS MULTIDISCIPLINARES : ACTAS / CONGRESSO INTERNACIONAL E INTERDISCIPLINAR EVOCATIVO DA GUERRA PENINSULAR, XVII COLÓQUIO DE HISTÓRIA MILITAR «NOS 200 ANOS DAS INVASÕES NAPOLEÓNICAS EM PORTUGAL»*, Biblioteca Nacional.
- CORREIA, Arlindo, *Processo de José Anastácio da Cunha*, <http://arlindo-correia.com/180410.html>.
- ESPARTEIRO, Comandante António Marques, *Três séculos no Mar: 1640-1910*, Biblioteca Nacional.
- FERRO, João Pedro, *O processo de José Anastácio da Cunha*, Biblioteca Nacional, 1987.
- FILIFE, Frei Filipe de Santiago, *Inquisição de Lisboa*, s.l., 1774.
- FOLQUE, Filipe, *Relatório acerca do Observatório Astronómico de Marinha*, Imprensa Nacional, 1866.
- FRANÇA, Eduardo de Oliveira, *O poder real em Portugal e as origens do absolutismo*, Biblioteca Nacional, 1946.
- GALVÃO, Inocência da Rocha, *O despotismo considerado nas suas causas e efeitos: discurso oferecido à Nação Portuguesa*, Biblioteca Nacional, 1820.
- GERALDO, José, *As invasões napoleónicas: desde a ida da Família Real para o Brasil às Linhas de Torres: 1807-1811*, Biblioteca Nacional, 2011.
- HENRIQUE, Mendo Castro, *A transferência da Capital e da Corte para o Brasil*, Biblioteca

- da Escola Naval, Tribuna.
- LIMPO, Manoel do Espírito Santo, *Ensaio de Tactica Naval*, Biblioteca Nacional, Typographia Chalcographica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.
- LIMPO, Manoel do Espírito Santo, *Principios de Tactica Naval*, Biblioteca Nacional, Typografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1796.
- LIMPO, Manoel do Espírito Santo, *Reflexões sobre a aplicação das matemáticas à Tática*, Biblioteca Nacional, 1791.
- LIMPO, Manoel do Espírito Santo, *Observatório Real da Marinha*, Arquivo Histórico Militar.
- LIMPO, Manoel do Espírito Santo, *Noções de Manobra do Navio*, Biblioteca Nacional, 1793.
- MACHADO, Montalvão, *Causas de morte dos reis portugueses*, Biblioteca Nacional.
- MARTINS, Rocha, *Episódios da Guerra Peninsular*, Vol. I., Biblioteca do Seixal.
- MORAES, António Joaquim de, *Cópia do Decreto de D. Joao VI, principe Regente*, Arquivo Histórico Militar.
- NORTON, Luiz, *A Corte de Portugal no Brasil*, Biblioteca do Seixal.
- OLIVENZA, Ayuntamiento de, *Breve historia de Olivenza*, <http://www.ayuntamientodeolivenza.com/olivenza/breve-historia-de-olivenza/>, consulté le 18 de Junho de 2019.
- REIS, António Estácio dos, *Observatório Real da Marinha*, Biblioteca Nacional, 2009.
- SANTOS, Horácio Madureira dos, *Catálogo dos decretos do extinto Conselho de Guerra*, IV., Biblioteca Nacional.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, VI., s.l.
- SILVA, Ana Rosa Cloctet da, *Inventando a Nação*, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, s.l.
- SILVA, Innocência Francisco da, *Diccionario bibliográfico portuguez: estudos de Innocência Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil*, V., Biblioteca Central de Marinha.

SILVA, Jorge Manuel Moreira, *A Marinha de Guerra Portuguesa desde o Regresso de D. João VI a Portuga e o Início da Regeneração (1821-1851)*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, s.l.

VÁRIOS, , *Processo da Inquirição de Manoel do Espírito Santo Limpo*, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

VÁRIOS, , *História da Escola Naval*, s.l.

VÁRIOS, , *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 13.^a ed., Biblioteca do Seixal.

VÁRIOS, , *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, 2.^a ed., Biblioteca do Seixal.

VIERA, José Joaquim da Silva, *Cx. 315*, Arquivo Histórico Militar.

Matriculas 1773-1774, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Manoel do Espírito Santo Limpo, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Matriculas 1783-1784, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Carta de curso de Manoel do Espírito Santo Limpo, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Breve história da Inquisição em Portugal, <http://ensina.rtp.pt/artigo/breve-historia-da-inquisicao-em-portugal/>, consulté le 19 de Junho de 2019.

«1 de julho de 1791», *Gazeta de Lisboa*.

«Decreto de 25 de agosto de 1779», *Legislação Portuguesa*.

«Alvará de 4 janeiro de 1790», *Legislação Portuguesa*.

«Decreto de 13 de dezembro de 1791», *Legislação Portuguesa*.

«Decreto de 12 de dezembro de 1791», *Legislação Portuguesa*.

«Decreto de 18 de dezembro de 1792», *Gazeta de Lisboa*.

«Decreto 14 dezembro de 1782», *Legislação Portuguesa*.

«Decreto de 5 de agosto de 1779», *Legislação Portuguesa*.

Matriculas 1774-1775, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Livro Mestre nº 2462, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Livro Mestre nº 381, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Livro Mestre nº 380, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Carta de curso de António Paulino Limpo de Abreu, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

Matrículas 1815-1816, Arquivo Histórico da Universidade de Coimbra.

António Paulino Limpo de Abreu, http://www2.camara.leg.br/a-camara/conheca/historia/presidentes/antonio_abreu1.html, consulté le 20 de Junho de 2019.

Processo de Manoel do Espírito Santo Limpo, Academia Real das Ciências de Lisboa.

Livro Mestre nº 386, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Livro Mestre nº 379, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Cx.115, Biblioteca Central de Marinha.

Livro de Registo de Ordens e avisos relativos ao Real Observatório da Marinha, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

Charrua Princesa Real, Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

D. Rodrigo de Sousa Coutinho, <http://www.arqnet.pt/dicionario/linhares1m.html>, consulté le 19 de Junho de 2019.

Áulico, <https://dicionario.priberam.org/áulico>.

Documentos referentes ao espólio da família «Moniz da Maia» (Almirante Ramirez Esquivel), Biblioteca Central de Marinha - Arquivo Histórico.

ANEXOS

ANEXO 1 – Inventário dos bens na posse de Manoel do Espirito Santo Limpo

Dice que não tem bem algum de raiz, pois tem ainda seus pais vivos, e não sabe o que por sua morte lhe tocara, e que vivia unicamente do soldo que recebera de Sua Majestade, e que de bem movem sozinha:

- Huma caixa de posse em meio uso que lhe custou cinco tostões;
- Huma barra também de posse, muito uso do que em nova, lhe custou nove tostões;
- Huma (...ilegível...) azul, em dragoras de malta, quase novo, que valera seis mil e quatro contos;
- Hum casaco velho de botão pardo, de pouco valor, e o gato, de seu uso, que trouxe para os cárceres desta Inquisição;

Dice mais, que tem os livros seguintes:

- Livro de Mathematica de Belidoro, em 4 volumes;
- Argumentu de Bejut Eum Tosuo;
- Algebra do mesmo author, hum volume;
- Mathematica, estátua do abate Mario, hum volume;
- Hidrostática do Abade Morsr Bajat;
- Resumo do catecismo, de Montolin;

E se não lembra se tem mais algum.

E que lhe não devem duvidar, algumas nem elle também é devedor a pessoa alguma, e que não tinha mais que declarar neste seu inventario que sendo-lhe lido este seu, digo, em presença de seu curador dice estava a ser justo na verdade e dignou-se com o dito seu curador e o dito senhor inquisidor Manoel Correa da Fonseca.

(...)

Dice elle que tem mais alem do que tem declarado, huma veste de pano azul de pouco valor e o resumo do calculo integral e diferencial de Bezut, em hum volume.

Entre os volumes do sequestro de Jose Barreto estarão alguns de elle Reo, que são:

- Viagem a Olanda, a Alemanha e a Itália, em hum volume;
- Resumo da Architettura de Vitoriozo, em hum volume;
- Desgraça, não se lembra de que author, em hum volume;
- História de Espanha, hum volume;
- Hum volume com duas comédias intitulas: o Aldeão gentil e o medo por força;
- Hum segundo tomo (...ilegível...) de Jacob, todos escritos na língua francesa. Elle parece que tem mais três tomos de lhe lembra os authores nem também de que tratam, e só lhe parece que são de comedias e viagens e mais não dice.²³¹

²³¹ Vários, *Processo da Inquizição de Manoel do Espirito Santo Limpo*, p. 13–18.

ANEXO 2 – As 12 pessoas que testemunharam contra Manoel do Espirito Santo Limpo

	Nome	Posto/Profissão
1ª testemunha	Joaquim Vicente Pereira de Araújo	Estudante do 1º ano do curso Jurídico
2ª testemunha	Frei Francisco do Bom Jesus	Padre
3ª testemunha	Nicomede José de Figueiredo	Padre
4ª testemunha	Frei Joze	Padre
5ª testemunha	Diogo Gaspar José Fernandes Migueis	Formado em Cânones na Universidade de Coimbra
6ª testemunha	Domingos Lourenço Feital	Formado em Cânones na Universidade de Coimbra
7ª testemunha	António Pereira	«Mestre de gramatica» ²³²
8ª testemunha	Manoel Pereira Barreto	Alferes no RAP
9ª testemunha	Jeronimo Francisco Lobo	Estudante
10ª testemunha	Joze Barreto	Cadete no RAP
11ª testemunha	Joze Maria Teixeira	Estudante do 5º ano de Cânones
12ª testemunha	João Manoel de Abreu	Soldado de Artilharia do RAP

Tabela 4 - Testemunhas contra Manoel do Espirito Santo Limpo²³³

²³² *Ibid.*, p. 94.

²³³ *Ibid.*, p. 89–114.

ANEXO 3 – Acusação de duvidar da existência de Deus

(...) Duvidando da existência de Deos e proferindo que Jezus Christo não incarnara, nem era Deos, mas hum homem cheio de constância, porque sofrera a morte sem se disdizer da Ley que ensinava: e, por isso, o reconhecia como hum filosofo, author de uma ley, boa para os costumes. Contou narrativamente algumas blasfêmias contra a pureza de Maria Santissima Nossa Senhora: que não havia religião alguma verdadeira no mundo, porque todas eram umas inveçoens dos homens para a sociedade civil. Que estes eram livres, e incapazes de pecar; porque Deos não havia Crear quem o ofendesse, da mesma sorte que nenhum rey havia exigir hum tribunal contra si. Que só havia hum ente, necessariamente eterno, que os fazia pensar. Que não havia inferno: e que a alma racional finalizava com o corpo, que a ressurreição de Lazaro não fora feita por amor delle, mas sim por respeito de Martha que era formosa, comia carne nos dias de jejum, sem cauza que o escusasse de transgressão deste perçeito; e afirmava, que a maquina do Universo, poderia não ter o seu principio em Deos.

Pela prova das sobreditas culpas, foi o reo prezo nos carceres do Santo Officio: e logo na meza do mesmo foi admoestado com muita caridade quizesse confessar as suas culpas por ser o que lhe convinha, para descargo de sua consciência, bem de sua alma e poder conseguir a piedade, qua a Santa Madre Igreja permite aos bons e verdadeiros confidentes²³⁴.

²³⁴ *Ibid.*, p. 130–131.

ANEXO 4 – Confessa ter aprendido francês no RAP

Dice e confessou que houvera pouco mais de dois annos, depois de ter aprendido mathematica na Universidade, fora sentar praça de soldado, por inclinação que tinha à vida militar, posto fosse contra a vontade de seos Pays: e porque logo então houve quem não lhe persuadissem que os livros de certa nação eram os que melhor tratavam as matérias da sua profissão, se applicou à lição deles para o que se servio de três tomos, que lhe ofereceu huma pessoa, que declarou: o sendo mandado aquartelar por ordem de seo superior com outro camarada, com elle assistio todo o tempo athe chegar o da sua prisão de que resultou haver entre si uma intima amizade: e que a sua caza hia com frequência outro camarada, a quem elle reo ouvia falar com lovor e aprovação as ditas obras se entregou à lição dellas, e sentindo-se logo abalado, começou a ter duvidas na crensa da Religião Catholica revelada e dos artigos da fé, que ella ensinava: e tendo então mesmo uma pratica com quem lhe emprestou os ditos livros, este passou a dedicar-lhe mais estas duvidas expondo-lhe a elle reo, que no sistema de Newton a terra girava em roda do Sol e da mesma sorte Mercurio, Venus, Marte, Jupiter e Saturno, que era bem certo e se achava calculado que cada Estrela fica era um Sol, e se devia entender com evidencia, que em roda de cada huma giravam outros tantos Planetas, e que em comparação de tudo isto, ficava sendo este Mundo um ponto e o homem um nada e que não era possível, que por este nada descesse Deos dos ceos à terra a fazer-se homem por cujo motivo lhe parecia que não havia Religião alguma verdadeira²³⁵.

²³⁵ *Ibid.*, p. 131–132.

ANEXO 5 – confessa-se descrente na Fé

Dice mais que, em virtude desta prática ficara elle reo inteiramente duvidoso e apartado da Fé: e que comunicara estes mesmos sentimentos a certas pessoas, que declarou, propondo-lhe o mesmo argumento. Que pela continuação que tinha de falar com as que já eram pervertidas e inflacionadas, sentia cada vez menos remorsos na consciência, e o seu animo mais inclinado às doutrinas do mesmo impio e heretico author que se reduziam a crer, que havia um Deos, que se não conhecia, que se não devia fazer mal ao próximo, nem temer a Eternidade: E que elle reo ficava cada vez mais persuadido em que a Religiaõ Catholica era falsa, e da mesma sorte entendia que não havia alguma verdadeira no Mundo. Que logo que vira os procedimentos deste Tribunal contra algumas pessoas desejando remediar o mal que tenha durado, não tanto pelo terror de ser prezo como pela grande dor e horror de suas culpas, e que estas eram as que tinha cometido, o que lhe pezava muito, dellas pedia perdão e que com elle sentisse mezericordia.

Porem o reo com esta confissão não satisfazia a informação com que a justiça tinha averiguado os seos delictos, foi novamente chamado à meza e novamente com a mesma caridade admoestado da parte de Christo Senhor nosso, para que deixando respeitos humanos, quizesse acabar de confessar as suas culpas, sem levantar a si nem a outrem testemunho falso, fazendo-se-lhe conhecer que se faltasse à verdade culpando alguém injustamente seria castigado com todo o rigor de Direito e passados alguns dias, passou mais a declarar²³⁶.

²³⁶ *Ibid.*, p. 132.

ANEXO 6 – Acusado de proferir discursos proibidos

Que proferia sem disfarce as impiedades de certos escritos diante de algumas pessoas que o buscarão no seo quartel. E que indo elle visitar a outra, igualmente prevaricada como as depravadas, condenasse eternamente, mas que elle reo assim o proferira, mais pela gloria que lhe resultara de ser discípulo de hum sábio mestre, do que por estar persuadido deste erro²³⁷.

ANEXO 7 – Acusado de duvidar da existência da Religião Católica

Que por ocasião de acompanhar o Santissimo Sacramento ouvindo dizer a certa pessoa que nomeou, e cauzava admiração fosse tanta gente acompanhar hum bocado (... ilegível ...), o que elle reo confirmava, dizendo que existindo no mundo tanta variedade de naçoens com diversas religioens, e sendo a Catholica tão pequena, duvidava ser ella a verdadeira, o que sómente dissera por vaidade e por acrescentar algum pensamento seu ao da referida pessoa²³⁸.

ANEXO 8 – Acusado de desviar as pessoas da Fé Cristã

Dice mais, que no referido tempo de seos erros, não só não ouvia missa nos dias de preceito, mas escarnecia dos que a ouvia distraindo-os deste Santo exercício com palavras, que efectivamente mostravam ser elle mau Christaõ, e que nesse conseito era geralmente refutado; porque elle não só persuadia, mas algumas pessoas declarava as duvidas que tinha sobre as verdades da nossa fé; que isto era o que de novo lhe lembrava e como continuava a examinar a sua consciência e de toda culpa que de novo achase ter cometido, vivia a fazer della verdadeira confissaõ²³⁹.

²³⁷ *Ibid.*, p. 133.

²³⁸ *Ibid.*, p. 134.

²³⁹ *Ibid.*

ANEXO 9 – Acusado de proferir citações proibidas, dos livros que lia

E que em outra ocaziã celebrava com grande aplauzo, com outros de sua depravada conducta, uma passagem escrita nos heréticos e impios livros em que liam, que refiro o ser condenado um Santo ou homem virtuozo ao inferno, e se admirava muito, de nelle achar a Saõ Domingos e outros Santos; cuja passagem elle reo e seos sócios festejarão, aplaudindo as impiedades e infames pensamentos do seu author²⁴⁰.

²⁴⁰ *Ibid.*, p. 135.

Seda, e Penitencias

Aos dezessete dias do mes de Outubro do mil
 setto centos setenta e oito annos em Lisboa
 e Casa do Despacho da Santa Inquisição, es-
 tando ali em Audiencia de mandado dos
 Inquisidores mandados vir perante si dos
 Carcees da penitencia de Manoel do Espirito
 Santo Limpo, Res. preso contendo sobre o
 caso, por Confesso estas instruido, e confesso,
 estando presente se foi ditto que elle nao ter-
 ne abemetter as Culpas por que se preso, e
 peccados, nem outras semilhanças, sob Cargo
 de ser gravem. Castigado, e que trate de dar
 com sua vida, e fumes bom exemplo: Neste
 primeiro anno se Confessara nas quatro Festas
 principaes delle, a saber Natal, Pascoa da
 Remedios do Espirito S.^{to} Assumpção de
 Nossa Senhora: Deza em cada semana com
 a Cruz de Coroa a Virgem Nossa Senhora, em
 Festas feitas since Padre suoz, e since a
 Marica as chagas de Christo, e cumprir todo
 o mais que prometter em sua abjuracao, e
 tudo prometter. Cumprir sub Cargo de juza-
 mento. Mas: Evangelho, que se foi deo, de
 que se este termo de mandado de se deo
 Senhora com quem assignou Cypriano
 Jose de Amorim o escrevi
 Ato de Confessao e deo de se deo
 Manoel do Espirito Santo Limpo.

Figura 6 - Penitência concedida pelo Santo Ofício a Manoel do Espirito Santo Limpo

²⁴¹ Ibid., p. 143.